Diálogos de Platão

PROTÁGORAS

Πρωταγόρας

O texto do Prótagoras aqui apresentado é uma adaptação realizada por Olga Pombo a partir da versão portuguesa de Ana da Piedade Elias Pinheiro, publicada em Lisboa, pela editora Relógio d'Agua em 1999, na colecção Humanitas. Autores Gregos e Latinos.

Neste trabalho colaboraram duas gerações de alunos (1999/2000 e 2000/2001) que realizaram o processamento do texto e se responsabilizaram pela criação dos links. A uniformização dos aspectos técnicos é da responsabilidade do webmaster Ricardo Saraiva. A todos, os meus sinceros agradecimentos.

http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/protagoras/index.htm

Olga Pombo

"O homem é a medida de todas as coisas; daquelas que são por aquilo que são e daquelas que não são por aquilo que não são." (Theaetetus por Platão seção 152a.)

"Existem dois lados para cada pergunta." (Vidas dos Filósofos Eminentes, por Diógenes Laertius, Livro IX, Sec. 51.)

(Protágoras, Abdera, 480 a.C — Sicília, 410 a.C)

Protágoras

309 Comp. - De onde vens tu, Sócrates? Está-se mesmo a ver que da caça ao jovem Alcibíades[1], não? A propósito, quando o vi, de manhã, pareceu-me já um belo homem. E - isto aqui entre nós, Sócrates - um homem feito, até com a barba já a despontar.

309b Sóc. - Ora, e então? Não és tu admirador de Homero, que diz que a idade mais bela é a da primeira barba, justamente aquela que tem agora Alcibíades?

Comp. - É verdade. E o que há de novo? Vens de junto dele, não vens? Que tal te tratou o nosso jovem?

Sóc. - Bem - pelo menos, pareceu-me. Sobretudo hoje, pois pôs-se do meu lado e fez várias intervenções em meu favor. Sim, venho agora mesmo de junto dele. Quero até contar-te algo notável: apesar de ele estar presente, não lhe prestei grande atenção e, muitas vezes, até me esqueci dele.

309c Comp. - Mas que coisa tão extraordinária vos terá acontecido, a ti e a ele? Não me digas que encontraste algum outro mais belo do que ele aqui na nossa cidade?

Sóc. - E muito mais!

Comp. - O que dizes? Aqui da cidade ou estrangeiro?

Sóc. - Estrangeiro.

Comp. - De onde?

---

[1] Filho de Clínias, nascido por volta de 450 a. C.. Para além de bem nascido, extremamente rico e criado perto dos homens mais poderosos da altura, Alcibíades era incrivelmente belo e inteligente. Muito jovem ainda, perdeu o pai e ficou sob tutela de Péricles, de quem era sobrinho. Famoso general, orador e homem de estado, recebeu as lições de Sócrates que, mais tarde, lhe salvou a vida num combate. É enquanto amigo e discípulo entusiasta de Sócrates que aparece em dois diálogos de Platão: um que leva seu próprio nome e O Banquete. Sedutor, belo, elegante, rico, mas egoísta, vaidoso, sedento de promoção pessoal e desprovido de escrúpulos, foi o génio mau de Atenas.

Sóc. - De Abdera.

Comp. - E pareceu-te ser assim tão belo esse estrangeiro ao ponto de o achares mais belo que o filho de Clínias?

Sóc. - Como é que quem é mais sábio, meu caro, não há de parecer mais belo?

Comp. - Vens então de te encontrares com um sábio, Sócrates?

309d Sóc. - E, certamente, o mais sábio de todos quantos por aí há, se concordares que Protágoras é o mais sábio de todos.

Comp. - O que dizes? Protágoras está na cidade?

Sóc. - Está, e há três dias.

Comp. - E vens agora mesmo de conversar com ele?

310 Sóc. - Precisamente, de ter dito e ouvido muita coisa.

Comp. - E, então, não nos vai descrever esse encontro? Se não tens nada que te prenda, manda levantar aí o escravo e senta-te aqui.

Sóc. - Pois, muito bem. E vou ficar-vos grato se me escutarem.

Comp. - E nós a ti, se contares.

Sóc. - Bem, assim será um agradecimento mútuo.

310b Sóc. - Escutem, então: Esta noite, ainda antes do amanhecer, Hipócrates, filho de Apolodoro e irmão de Fáson, bateram com o bastão na minha porta, com toda a força e, quando lha abriram, precipitou-se imediatamente para o interior, a gritar, com voz forte:

- Sócrates, já acordaste ou ainda dormes?

E eu, reconhecendo-lhe a voz, exclamei:

- É Hipócrates! Não me vens trazer nenhuma má notícia, pois não?

- Não - respondeu ele. - Nada senão boas notícias.

- Diz lá, então - repliquei eu. - O que há? A que propósito vieste cá a esta hora?

- Chegou Protágoras! - respondeu ele, de pé junto de mim. - antes de ontem.

- Só agora soubeste?

310c - Sim, pelos deuses, só à noitinha. E, ao mesmo tempo, tacteando o leito, sentou-se aos meus pés e disse: - À noitinha, já bastante tarde, quando voltei de Énoe, pois, vê lá bem, o meu escravo, o Sátiro, tinha-me fugido e eu estava mesmo para te avisar que ia procurá-lo, mas esqueci-me, por causa de qualquer outra coisa. Quando voltei, tínhamos acabado de jantar e estávamos para nos irmos deitar, quando o meu irmão me disse que Protágoras tinha chegado. Estive para vir logo ter contigo, mas depois, pareceu-me que já era demasiado tarde. Porém, assim que o sono em que caíra, por causa da fadiga, me deixou, levantei-me e corri para cá, sem demora.

310d Eu, que lhe conheço a energia e a paixão, perguntei:

- O que tens tu com isso? Por acaso te ofendeu, Protágoras?

- Sim, pelos deuses - respondeu ele, com um sorriso - porque só ele é sábio e não me faz sê-lo a mim.

- Mas, por Zeus - disse-lhe eu - se lhe deres dinheiro e o persuadires, ele há de fazer-te sábio também.

310e - Ó Zeus e deuses! Se, na verdade, fosse assim! Não pouparia nem o que é meu nem o dos meus amigos. Mas, é mesmo por essa razão que venho agora ter contigo, para lhe falares de mim. Porque eu não só sou muito novo como ainda nunca vi nem ouvi Protágoras, pois, da última vez que ele cá esteve, eu ainda era uma criança. Mas todos o aplaudem, Sócrates, e dizem que a falar é o mais hábil dos homens. Porque não vamos já para lá, para o apanharmos em casa?

311 - Pelo que ouvi dizer, está hospedado em casa de Cálias, filho de Hipónico. Vamos lá!

- Não vamos ainda, meu amigo, que é muito cedo. Vamos antes para o pátio e façamos tempo a dar umas voltas, enquanto não nasce o dia. Logo a seguir, saímos. Protágoras passa a maior parte do tempo em casa, de modo que não te preocupes. Quer-me bem parecer que o encontraremos lá.

311b Levantamo-nos, então, e fomos dar uma volta pelo pátio. Eu resolvi experimentar Hipócrates e pô-lo à prova, fazendo-lhe algumas perguntas:

- Diz-me uma coisa, Hipócrates, estás disposto a procurar Protágoras e a oferecer-lhe o teu dinheiro como salário para ele se ocupar de ti. Mas, porque é que o procuras e para te tornares o quê? Se, por hipótese, tivesses intenção de procurar o teu homónimo, Hipócrates de Cós, o de Asclepíades, para lhe ofereceres o teu dinheiro como salário por se ocupar de ti, e se alguém te perguntasse «Diz-me, Hipócrates, estás disposto a pagar um salário a Hipócrates por ele ser o quê?», que responderias?

311c - Responderia que por ele ser médico.

- E para te tornares o quê?

- Para me tornar médico.

- E se tencionasses procurar Policleto, de Argos, e Fídias, de Atenas, para lhe pagares um salário para eles se ocuparem de ti, se alguém te perguntasse «Pagas esse dinheiro a Policleto e a Fídias porque achas que eles são o quê?», o quê responderias?

- Responderia que são escultores.

- E para te tornares o quê?

- É óbvio que escultor!

311d - Muito bem! - disse-lhe eu. Agora, vamos, tu e eu, procurar Protágoras, dispostos a pagar-lhe um salário por se ocupar de ti... se os nossos bens forem suficientes para, com eles, o persuadirmos; mas, se não, gastarmos até os dos nossos amigos. Se, por acaso, por estarmos assim tão empenhados neste propósito, alguém perguntasse: «Digam lá, Sócrates e Hipócrates, vocês têm intenção de oferecer os vossos bens a Protágoras por ele ser o quê?», o que lhe responderíamos? **311e** Que outro nome ouvimos referir a propósito de Protágoras?

Tal como de Fídias que é escultor e de Homero que é poeta, que designação ouvimos dar a Protágoras?

- Bom, costumam dizer do nosso homem que é sofista.

- De modo que vamos entregar os nossos bens a um sofista?

- Precisamente!

312 - Então, e se alguém te fizesse ainda mais esta pergunta: «E procuras Protágoras para te tornares o quê?»

- Ele corou - percebeu-se porque começava já a surgir alguma claridade - e disse:

- Se o caso é semelhante aos anteriores, evidentemente que é para me tornar um sofista.

- Mas, pelos deuses! - exclamei eu. - E não terás tu vergonha de te apresentares aos Helenos na qualidade de sofista?

- Claro, Sócrates, por Zeus, isto, se for mesmo preciso que diga o que penso.

312b - Ora bem, Hipócrates, talvez não te pareça semelhante o ensino que vais encontrar junto de Protágoras e aquele que recebeste junto dos professores das primeiras letras, de cítara e de ginástica. Com efeito, estudaste cada uma dessas disciplinas, não com uma técnica, para te tornares um profissional, mas para teres cultura, como convém ao leigo e ao homem livre.

- Parece-me, precisamente, que o ensino de Protágoras é semelhante a esse.

- Sabes, então, o que estás agora a ponto de fazer ou desconhecê-lo?

- Queres dizer o quê?

312c - Que estás a ponto de confiar a tua alma aos cuidados de um homem que é, segundo dizes, um sofista. Contudo admirar-me-ia muito se soubesses o que é um sofista. E, se o ignoras, não sabes nem a quem entregas a tua alma, nem se isso é uma coisa boa ou má.

- Mas, eu acho que sei - respondeu ele.

-Diz-me lá, então, o que pensas que é um sofista?

- Bem, penso que, como o próprio nome indica, é aquele que possui uma sabedoria.

- Ora bem - repliquei eu - essa é também a definição que se dá a propósito dos pintores e dos arquitectos, como aqueles que possuem uma sabedoria. Mas se alguém nos perguntasse: «Que sabedoria possui os pintores?», dir-lhe-ía-amos que é a da reprodução das imagens e o mesmo dos outros. **312d** Porém, se alguém nos perguntar: «Em que é que o sofista é sábio?», o que lhe responderemos? É mestre em que ofício?

- O que diremos, Sócrates, se não que é mestre em habilitar os outros a falar?

-Talvez disséssemos a verdade. Mas, claro está que não é suficiente, porque a nossa resposta levantaria ainda outra pergunta, sobre o assunto em que o sofista habilita os outros a falarem. **312e** Do mesmo modo como o citarista, presumo eu, habilita a que se fale sobre a matéria de que sabe, sobre a arte de tocar a cítara, não é verdade?

- É.

-Pois bem, e o sofista habilita os outros a falarem sobre o quê?

-É óbvio que também sobre a arte que conhece.

-É bem provável! Mas que matéria é essa em que ele, sofista, é sabedor e torna sabedor o seu discípulo?

- Por Zeus- respondeu ele - já não sei mais que te possa dizer.

313 Em seguida, continuei eu:

- E agora? Vês o tipo de risco a que vais expor a tua alma? Se te fosse preciso confiar o corpo a alguma actividade que implicasse riscos, quer fosse boa, quer fosse má, ponderarias durante muito tempo se o confiavas ou não e chamarias os teus amigos e familiares para te aconselhares, reflectindo durante dias a fio. Tratando-se, contudo, de algo muito mais importante que o corpo, a tua alma, na

qual se sediam todas as tuas acções, boas ou más, consoante ela for boa ou má, a este propósito, não consultas nem o teu pai, nem o teu irmão, nem nenhum de nós que somos teus companheiros, para saberes se hás de confiar ou não a tua alma a este estrangeiro recém chegado. **313b** Antes, pelo que dizes, ouviste à noitinha que ele tinha chegado e vens, mal o dia amanhece, sem ouvires uma palavra ou um conselho sobre essa questão - se deves ou não confiar-te a ele - disposto a gastar os teus bens e os dos teus amigos. Já decidiste, custe o que custar, freqüentar a companhia de Protágoras, que não conheces - pelo que tu próprio dizes - e com quem nunca falaste. Chamas-lhe sofista, mesmo parecendo não saberes o que é esse sofista, a quem estás disposto a confiar-te.

313c Ele, depois de me ouvir, assentiu:

- Pelo que tu dizes, é o que parece.

- Pois é, Hipócrates, não achas que o sofista é uma espécie de comerciante ou retalhista de produtos, com os quais a alma se alimenta? A mim é o que me parece.

- E a alma alimenta-se de quê, Sócrates?

- De ciência, creio eu - respondi-lhe. - Ora, não é bom, meu amigo, que o sofista, elogiando os artigos que vende, nos seduza como o fazem o comerciante e o retalhista com os alimentos para o corpo. **313d** Porque esses não sabem se os produtos que trazem são bons ou maus para o corpo (antes, elogiam tudo o que vendem). E nem o sabem também os clientes, a menos que se trate, por acaso, de um professor de ginástica ou de um médico. Do mesmo modo, também aqueles que levam a ciência de cidade em cidade, vendendo-a a retalho, elogiam sempre ao interessado tudo quanto vendem, mas talvez alguns deles, meu caro, desconheçam o que é que desses artigos que vendem é bom ou mau para a alma. **313e** O mesmo se passa também com os seus clientes, a não ser que, por acaso, algum seja médico da alma. Se, pelo menos, fizeres uma idéia do que é bom ou do que é mau, então não te fará mal comprar a ciência de Protágoras ou a de qualquer outro. Mas, se não, vê bem, meu amigo, não jogues os dados à sorte, nem corras riscos em matérias tão delicadas. **314** Porque o perigo é muito maior na compra da ciência do que na compra de alimentos. Com efeito, ao comprares alimentos ou bebidas ao retalhista ou ao comerciante, podes transportá-los noutros recipientes, e, antes de beberes ou comeres, podes levá-los para te aconselhares, informando-te junto de quem souber, sobre se os deves comer e beber, ou não, e quando, e em que quantidade. Assim, o perigo na compra não é grande. **314b** Pelo contrário, a

ciência não se pode meter noutro recipiente. É preciso pegá-la e metê-la na alma, e, uma vez assimilada, ir para casa, ou para sofrer dissabores ou para usufruir vantagens. Examinemos, então, todas estas questões junto com outros mais velhos que nós, porque somos ainda muito novos para estarmos a discutir assuntos desta natureza. E agora, tal como começamos por planear, vamos lá ouvir o nosso homem. Ouvi-lo e conversar com outros, porque Protágoras não está lá sozinho. Está lá também Hípias de Élide e julgo mesmo que Pródico de Ceos, e ainda muitos outros sábios.

314c Assim nos pareceu e pusemo-nos a caminho. Quando chegamos junto à entrada, paramos para discutir sobre um assunto que nos tinha surgido durante o caminho. Então para que não ficasse meio e só entrássemos depois de estar concluído, ficamos à entrada a discutir, até nos termos posto, os dois, de acordo. **314d** Pareceu-me que, com certeza, o porteiro, um eunuco, nos tinha ouvido e devia estar irritado com a multidão de sofistas que iam e vinham da casa. De modo que, quando batemos à porta, ele entreabriu-a e, vendo-nos, exclamou:

- Ah! Mais sofistas! O meu patrão não tem tempo para vocês!

E, ao mesmo tempo, fechou a porta com as duas mãos, com toda a força. Nós tornamos a bater e ele, por trás da porta, respondeu:

- Não ouviram que o patrão não tem tempo para vocês?

- Mas, meu caro - respondi eu -, nem procuramos Cálias nem somos sofistas.

- Viemos sim para ver Protágoras. **314e** Anuncia-nos lá!

Então, a muito custo, o homem lá nos abriu a porta.

Quando entramos, surpreendemos Prótagoras a passear pelo átrio, e, **315** passeando em volta dele, de um lado Cálias, filho de Hiponico, e o irmão materno Páralo, filho de Péricles, e Cármides, filho de Gláucon, e, do outro lado, o outro filho de Péricles, Xantipo; Filipides, filho de Filomelo, e Antimero de Mende, que é tido pelo melhor dos discípulos de Protágoras e que aprende a sua arte para vir a ser sofista. E, atrás destes, aqueles que o seguiam, ouvindo o seu discurso. A maioria pareceu-me serem estrangeiros - que Protágoras traz consigo de cada uma das cidades por onde passa, encantando-os, qual Orfeu, com a sua voz, e que o seguem seduzidos por essa mesma voz -, mas no grupo estavam também alguns dos nossos

concidadãos. **315b** No que me diz respeito fiquei completamente deliciado ao ver este grupo, pois tinham o cuidado admirável de nunca se colocarem na frente de Protágoras; antes, de cada vez que ele e os que o rodeavam se voltavam, os outros - era uma coisa formidável! - abriam alas para um lado e para outro e, caminhando em círculo, ficavam sempre por trás dele. Uma maravilha! **315c** «*Depois dele reconheci ainda*», diz Homero, Hípias de Élide, instalado num cadeirão, no lado oposto do átrio; à sua volta, sentavam-se em banquetas Erixímaco, filho de Acúmeno, Fedro de Mirrinonte e Ândron, filho de Andrócion, e alguns dos estrangeiros, conterrâneos de Hípias e outros. Pareciam interrogar Hípias sobre assuntos como a natureza e os fenómenos celestes. E ele, do alto do seu cadeirão, dava sentenças e examinava as questões. **315d** «*E avistei também Tântalo*» - pois lá em casa estava ainda Pródico de Ceos. - Ocupava um quarto que Hiponico usava como despensa e que Cálias agora, por causa do grande número de visitantes, desocupara e transformara num quarto de hóspedes. Pelo que percebi, Pródico estava ainda deitado, embrulhado numa quantidade de peles de carneiro e cobertores. Numa das camas, ao seu lado, sentava-se Pausânias de Ceramico e junto dele um rapazinho ainda novo que me deu idéia de muitíssimo bem-educado e muito bem-parecido. **315e** Julgo ter ouvido que o seu nome era Ágaton e não me espantaria se fosse o favorito de Pausânias. Estava o tal rapazinho, os dois Adimantos - o filho de Cépido e o de Leucolófido - e pareceu-me que mais alguns. De fora, não consegui perceber de que falavam, embora estivesse cheio de vontade de ouvir Pródico - que, aliás, me pareceu ser um homem extraordinário e superiormente sabedor -, mas o tom rouco da sua voz produzia no aposento um murmúrio que tornava indistintas as palavras que proferia. **316** Mal tínhamos entrado, chegaram logo atrás de nós o belo Alcibíades - como tu dizes e com a minha anuência - e Crítias, filho de Calescro. Depois de entrarmos, perdemos ainda um bocadito nesta apreciação e, depois de observarmos tudo, aproximamo-nos de Protágoras.

316b Disse-lhe eu, então:

- Protágoras, aqui o Hipócrates e eu viemos cá para falar contigo.

- Antes de mais - respondeu ele - querem falar-me a sós ou aqui, na frente dos outros?

- Para nós, é indiferente. Tu próprio decidirás, depois de teres ouvido a razão da nossa visita.

- E qual é, então, a razão da vossa visita?

- Aqui o Hipócrates é um dos nossos conterrâneos, filho de Apolodoro, de uma grande e próspera família e que, pela sua natureza, compete com qualquer outro da sua idade. **316c** Acho que quer tornar-se conceituado na cidade e pensa que a melhor forma de o conseguir seria freqüentar a tua companhia. Pondera-te agora se acha conveniente falar conosco em particular ou na frente dos outros.

- É muito correcto da tua parte que te preocupes comigo, Sócrates. Realmente, é preciso que um estrangeiro que vai às grandes cidades e nelas persuade os melhores dos seus jovens a abandonarem outras companhias, de conterrâneos ou estrangeiros, de mais velhos ou de mais novos, e a associarem-se a ele para assim se tornarem melhores, tome precauções nas acções que pratica. **316d** Com efeito, não são pequenas as invejas, hostilidades, chicanas e processos de impiedade que daí advêm. Eu digo que a sofística é uma arte antiga, mas que, aqueles que de entre os nossos antepassados a praticaram, a temiam, porque ofensiva, e a disfarçavam e dissimulavam, uns sob a forma de poesia, como Homero, Hesíodo e Simónides, outros sob a forma de ritos iniciatórios e profecias, como os seguidores de Orfeu e Museu. E ouvi dizer que outros ainda lhe chamam ginástica, como Ico de Tarento e aquele que é já hoje o melhor dos sofistas, Heródico de Selímbria, que antes era de Mégara. **316e** E o vosso Agátocles, que é um sofista de categoria, tomou por máscara a música. O mesmo fizeram Pitoclides de Ceos e muitos outros. Estes como dizem, com receio de más vontades, serviram-se destas artes como disfarce. **317** Mas, neste ponto, estou em desacordo com todos eles, porque me parece que não conseguiram o objectivo que pretendiam, uma vez que estas tentativas não passam desapercebidas aos governantes das cidades os quais constituem a razão dessas máscaras. Porque as massas, por assim dizer, não entendem nada; limitam-se a repetir em coro aquilo que lhes disseram. Ora, se aqueles que pretendem fugir não conseguem fazê-lo e, pelo contrário, dão mais nas vistas, então, é uma grande loucura tentá-lo, pois necessariamente vão atrair grande número de inimigos que os classificarão como os maiores dos patifes. **317b** Pelo meu lado escolhi um caminho totalmente oposto a este: admito que sou sofista e que educo homens. Parece-me que essa é a melhor das soluções, admitir em vez de negar. Para além desta, tenho tomado outras precauções, embora, e afirmo-o diante dos deuses, nunca tenha sofrido nenhum mal por admitir que sou um sofista. **317c** E, contudo, já levo anos e anos desta profissão, pois, feitas as contas, já são muitos os anos que tenho - pela idade, nada

me impediria de ser pai de qualquer um de vós. - De modo que, se quiserem, tenho muito gosto em expor os meus argumentos diante de todos os que aqui estão.

317d E eu, desconfiado de que ele quisesse exibir-se diante de Pródico e de Hípias e gabar-se pelo facto de termos vindo procurá-lo, perguntei:

- Porque não chamamos Pródico e Hípias e os que estão com eles, para nos ouvirem?

- Boa idéia - respondeu Protágoras.

E Cálias perguntou:

- E se dispuséssemos a assembléia de modo a podermos conversar sentados?

Pareceu-nos bem. Deliciados todos nós por irmos ouvir homens tão conhecedores, sentamo-nos, acomodando-nos nos bancos e leitos em redor de Hípias - uma vez que os assentos já lá estavam. **317e** Nesta altura chegaram Cálias e Alcibíades trazendo Pródico, que tinham feito levantar da cama, e aqueles que estavam com ele. Assim que nos sentamos todos, Protágoras tomou a palavra:

- Sócrates, agora que já estamos reunidos, repete lá o que começas-te por dizer a propósito deste jovem.

Eu respondi-lhe o seguinte:

318 - Vou começar Protágoras, pela primeira coisa que ainda há pouco te disse - a razão da nossa visita: aqui o Hipócrates deseja freqüentar a tua companhia e gostaria que lhe dissesses que benefício obterá se assim o fizer.

A nossa conversa resumiu-se a esta apresentação. Retomando a palavra, Protágoras respondeu:

- Meu jovem, eis o que acontecerá se conviveres comigo: no mesmo dia em que começares a fazer, ao regressar a casa, estarás melhor, e o mesmo no dia seguinte; em cada dia progredirás sempre para melhor.

318b E eu, depois de o ouvir, repliquei:

- Ó Protágoras, não dizes nada de extraordinário; antes, é lógico que, até tu, tendo a idade que tens e sendo sábio como és, se alguém te ensinasse algo que,

porventura, não conhecesses, te tornarias melhor. Não vejamos as coisas desse modo, mas, antes, assim: se, de um momento para o outro, o nosso Hipócrates mudasse de intenções e quisesse freqüentar a companhia desse rapaz recém-chegado, Zeuxipo de Heracleia, e fosse procurá-lo do mesmo modo que agora procura a ti, e o ouvisse dizer as mesmas coisas que ouviu de ti, que cada dia passasse junto dele se aperfeiçoaria e se tornaria melhor, se lhe perguntasse: **318c** « E dizes que serei melhor e me aperfeiçoarei no quê?», Zeuxipo responder-lhe-ia que na pintura. E se procurasse Ontágoras de Tebas e, depois de lhe ouvir o mesmo que a ti, lhe perguntasse em que se tornaria melhor por cada dia que passasse na sua companhia, ele dir-lhe-ia que na arte da flauta. Responde-nos tu da mesma maneira, a mim e a este jovem, à pergunta que te fizemos: **318d** freqüentando o nosso Hipócrates a companhia de Protágoras por cada dia passado junto dele, em que é que se tornará melhor e em que é que se aperfeiçoará, Protágoras, e como?

E Protágoras, depois de me ouvir estas palavras, respondeu:

- Perguntas muito bem, Sócrates, e a mim satisfaz-me responder àqueles que me sabem interrogar. Na verdade, ao procurar-me, Hipócrates não experimentará os problemas que o perturbariam freqüentando a companhia de outro sofista. Com efeito, os outros assoberbam os jovens. **318e** Quando os vêem fugir às especializações, empurram-nos novamente para elas, contra vontade, e ensinam-lhes cálculo, astronomia, geometria e música - e, ao mesmo tempo, lançou um olhar a Hípias. - Ao contrário, quem vem ter comigo não aprende senão as matérias que pretender. **319** O meu ensino destina-se à boa gestão dos assuntos particulares - de modo a administrar com competência a própria casa - e dos assuntos da cidade - de modo a fazê-lo o melhor possível quer por ações quer por palavras.

- Será que percebi bem as tuas palavras? Parece-me que falas da arte de gerir a cidade e prometes transformar homens em bons cidadãos?

- É esse precisamente, Sócrates, o objectivo que me proponho cumprir.

319 - Possuis, então, um belo ofício... se o possuíres realmente. Bom, não vou dizer-te senão o que penso. Na verdade, Protágoras, eu não considerava que essa arte pudesse ser ensinada, mas não vejo de que modo duvidar das tuas afirmações. **319b** Contudo, é justo que explique por que razão não creio que essa arte possa ser ensinada, nem transmitida aos homens por outros homens. Com efeito, eu (tal como os outros Helenos) tenho os atenienses na conta de sábios. Ora, bem vejo que quando nos reunimos na Assembléia, sempre que for preciso que a

cidade realize algo na área da construção civil são convocados os arquitectos, para se pronunciarem sobre o assunto. E, quando é na área da construção naval, os armadores, e assim com todas as matérias que se crêem susceptíveis de serem ensinadas e aprendidas. **319c** Mais, se alguma outra pessoa, que eles não consideram como sendo especialista, pretender pronunciar-se nestas matérias, por mais belo, rico ou nobre que seja, não lhe aceitam qualquer opinião e ainda fazem troça e barulho, até que aquele que tencionava falar tome a iniciativa de se calar, face ao barulho, ou até que os archeiros o arrastem e o prendam, por ordem dos prítanes. É assim que eles procedem, tratando-se de matérias que consideram técnicas. **319d** Pelo contrário, sempre que for preciso resolver algo na área da administração da cidade, sobre essa matéria levanta-se e dá a sua opinião, indiferentemente, carpinteiro, ferreiro ou curtidor, mercador ou marinheiro, rico ou pobre, nobre ou plebeu, e ninguém lhes põe as objecções dos casos anteriores: nunca aprendeu ou nunca ninguém lhe ensinou nada sobre a matéria em que tenciona dar opinião. É óbvio que não crêem que essa arte possa ser ensinada. Bem, e não é assim apenas com os interesses públicos da cidade; **319e** também na vida particular, os mais sábios e mais nobres dos nossos cidadãos não têm possibilidades de transmitir a outros a *virtude*[2] que possuem. Até Péricles, o pai destes dois jovens aqui presentes, os educou perfeitamente nas matérias que dizem respeito aos professores, mas naquelas em que ele próprio é sábio, nem os ensinou nem os confiou a outro. **320** De modo que lá andam eles por aí, vagueando, à rédea solta, à espera de, por obra do acaso, encontrarem sozinhos a virtude. E, se quiserem mais, este mesmo Péricles, que era tutor de Clínias, o irmão mais novo aqui do nosso Alcibíades, com receio de que aquele fosse corrompido pelo irmão afastou-o dele e enviou-o para ser educado junto de Árifron, que, antes que se tivessem completado seis meses lho devolveram sem saber o que fazer com ele. **320b** E posso, ainda, referir-te muitos outros que, sendo bons, não conseguiram tornar ninguém melhor, nem dos seus, nem dos outros. Assim eu, Protágoras, ao observar estes exemplos, não creio que a virtude se possa ensinar. Contudo, depois de te ouvir dizer que pode, rendo-me a considerar que há algo no que dizes, porque creio que és conhecedor de muitos assuntos, muitos que aprendeste e outros que tu próprio descobriste. Portanto, se entenderes possível, demonstra-nos de que modo se ensina a virtude. Não nos recuses essa demonstração.

[2] Aretê (adaptação perfeita, excelência, virtude) é uma palavra de origem grega que expressa o conceito grego de excelência, ligado à noção de cumprimento do propósito ou da função a que o indivíduo se destina. No sentido grego, a virtude coincide com a realização da própria essência, e, portanto, a noção se estende a todos os seres vivos. Segundo Sócrates, a virtude é fazer aquilo que a que cada um se destina. Aquilo que no plano objetivo é a realização da própria essência, no plano subjetivo coincide com a própria felicidade.

320c - Claro que não recusarei, Sócrates. Mas, em primeiro lugar, querem que o faça contando-vos uma história, como mais velho que fala aos mais novos, ou que o demonstre com argumentos?

Muitos dos que estavam sentados à sua volta deram-lhe, então, a escolher demonstrá-lo como quisesse.

- Pois bem, parece-me - respondeu ele - que será mais agradável contar-vos uma história:

320d - Era uma vez... Existiam somente os deuses e não havia ainda as raças mortais. Quando chegou, então, o momento destinado a o seu nascimento, os deuses modelaram-nas, no interior da terra, misturando terra e fogo e os elementos que com estes se combinam. Quando estavam prontas para ser conduzidas para a luz do dia, os deuses encarregaram Prometeu e Epimeteu de as organizar e de atribuir a cada uma capacidades que as distinguissem. Epimeteu pediu, então, a Prometeu que o deixasse fazer essa distribuição. «Depois de eu a ter feito», disse, «tu passas-lhes uma revista». **320e** E assim, depois de o ter convencido, começou: atribuiu força aos que não tornara rápidos e dotou com rapidez os mais fracos; armou uns e para aqueles a quem dera uma natureza sem armas inventou qualquer outro meio que assegurasse a sua sobrevivência; àqueles que contemplou com a pequenez, deu-lhes a possibilidade de fugirem voando ou uma habitação subterrânea, e aos que fez grandes em tamanho salvou-os com essa mesma atribuição. **321** De modo igualmente equilibrado distribuiu também as restantes qualidades. E fez tudo com cautela, para que nenhuma espécie se extinguisse. Depois de lhes dar os meios necessários para que não se destruíssem uns aos outros, arranjou maneira de os proteger contra as estações enviadas por Zeus, cobrindo-os com pêlos abundantes e carapaças grossas, suficientes para se defenderem do inverno e eficazes para o fazerem do sol escaldante, e que constituem, para cada um, o seu aconchego natural, quando decidem deitar-se. **321b** Calçou uns com cascos e outros com couro grosso e sem sangue. Em seguida, providenciou diferentes alimentos para as diferentes espécies: para uns, os pastos da terra; para outros, ainda, os frutos das árvores; para os restantes, raízes. A alguns destinou que fossem alimento de outras espécies; a estas últimas deu pequenas ninhadas, enquanto que às que lhe servem de alimento deu a fecundidade, providenciando assim a salvação da sua espécie. **321c** Deste modo, Epimeteu — que não era lá muito esperto — esqueceu-se que gastara todas as qualidades com os animais irracionais; fora desta organização, restava-lhe ainda a raça dos homens e sentia-se embaraçado quanto ao que fazer. Estava ele nesta aflição, chega Prometeu para inspeccionar a distribuição e vê que, enquanto as

outras espécies estão convenientemente providas de tudo quanto necessitam, o homem está nu, descalço, sem abrigo e sem defesa. E já estava próximo o dia marcado, em que era preciso que também o homem saísse do interior da terra para a luz do dia. **321d** Sem encontrar qualquer outra solução para assegurar a sobrevivência do homem, Prometeu, roubou a sabedoria artística de Hefesto e Atena, juntamente com o fogo — porque sem o fogo era-lhe impossível possuí-la ou torná-la útil — e, assim, ofereceu-a ao homem. Com ela, este tomou posse da arte da vida, mas não da arte de gerir a cidade, pois esta estava junto do próprio Zeus. Já não fora possível a Prometeu entrar na morada de Zeus, na acrópole — para mais que os guardas de Zeus eram terríveis —, mas entrara, sem ser visto, na sala partilhada por Hefesto e Atena, **321e** na qual ambos se dedicavam às suas artes, e roubara a arte do fogo a Hefesto e as outras artes a Atena, para as dar ao homem, que delas retirou os meios necessários à vida. **322** Mas, no fim, por culpa de Epimeteu — é o que dizem — a justiça perseguiu Prometeu por causa deste roubo. Deste modo, o homem participava da herança divina e, devido ao parentesco com os deuses, foi o único dos animais a acreditar neles. Assim, começou a construir altares e imagens suas. Depois, rapidamente dominou a arte dos sons e das palavras e descobriu casas, vestuário, calçado, abrigos e os alimentos vindos da terra. **322b** Assim providos, inicialmente, os homens viviam dispersos e não havia cidades. Mas viam-se destruídos pelos animais selvagens, pois eram mais fracos que eles em todos os sentidos. A arte que dominavam era-lhes suficiente na procura dos alimentos, mas ineficaz na luta com as feras — com efeito, faltava-lhes a arte de gerir a cidade, da qual faz parte a arte da guerra. Procuraram, então, associar-se e proteger-se, fundando cidades. Só que, ao associar-se, tratavam-se injustamente uns aos outros, já que não possuíam a arte de gerir a cidade. De modo que, novamente dispersos, se iam destruindo... **322c** Zeus, então, inquieto, não fosse a nossa espécie desaparecer de todo, ordenou a Hermes que levasse aos homens respeito e justiça, para que houvesse na cidade ordem e laços que suscitassem a amizade. Hermes perguntou a Zeus de que modo haveria de dar aos homens justiça e respeito: «Distribuo-os do mesmo modo que, no início, foram distribuídas as outras capacidades? As outras ficaram assim repartidas: um médico é suficiente para muitos leigos e o mesmo acontece com os outros especialistas. Atribuo, também, justiça e respeito aos homens deste modo, ou distribuo-os por todos?» **322d** «Por todos — respondeu Zeus — e que todos partilhem desses predicados, porque não haverá cidades, se somente uns poucos partilharem deles, como o fazem dos outros. Estabelece, pois, em meu nome, uma lei que extermine, como se se tratasse de uma peste para a cidade, todo aquele que não for capaz de partilhar de respeito e de justiça.» Deste modo e por este motivo, Sócrates, quer os outros povos quer os Atenienses, quando o discurso é na área da arte da carpintaria ou de outra qualquer especialidade, consideram que só a alguns

compete uma opinião. **322e** E se alguém, fora desses poucos, se pronuncia, não aceitam, tal como tu dizes — e com muita razão, repito eu —; porém, quando procuram uma opinião a propósito da arte de gerir a cidade, **323** em que é preciso proceder com toda a justiça e sensatez, com razão a aceitam de qualquer homem, pois a qualquer um pertence partilhar efectivamente desta arte ou não haverá cidades. Neste facto reside, Sócrates, a razão do que perguntas. Mas, para que não consideres que te estás a iludir, pensando que é por ser assim que todas as pessoas crêem que qualquer homem partilha quer da justiça quer das restantes qualidades políticas, repara em mais uma prova: com efeito, no que diz respeito às outras qualidades, como tu dizes, se alguém diz ser um bom tocador de flauta ou ter dotes em qualquer outra arte, sem os ter, ou se riem dele ou se enfurecem e os familiares vêm e dão-no como louco. **323b** Mas tratando-se da justiça ou das restantes qualidades políticas, se sabem de alguém que é injusto e se esse mesmo alguém confessar a verdade a seu respeito diante de todos, essa atitude (confessar a verdade) que, noutra ocasião, pareceria inteligência, neste caso, parece loucura. E afirmam que é preciso que todos digam que são justos, quer sejam quer não, e que aquele que não aparenta sê-lo enlouqueceu. **323c** Pois pretendem que é forçoso que qualquer um partilhe desta qualidade, de uma maneira ou de outra, ou não poderá viver entre os homens. O que digo, pois, é que é com razão que aceitam de qualquer homem uma opinião sobre esta virtude, pelo facto de acreditarem que todos partilham dela. De seguida, pretendo demonstrar-te que não acreditam que seja obra da natureza ou algo inato, mas, antes, ensinada e que aquele que o desenvolver conseguí-lo-á graças ao treino. **323d** Com efeito, na medida em que os homens crêem que os defeitos que os outros possuem são obra da natureza ou do acaso, ninguém se irrita, nem repreende, nem ensina, nem castiga aqueles que têm esses defeitos, para que não sejam como são; antes, os lamentam. É possível que haja alguém tão louco que tencione fazer uma coisa dessas com os feios, os baixos ou os fracos? Com efeito, considero que sabem que é por obra da natureza ou do acaso que os homens desenvolvem essas características, as boas e as más. Mas, na medida em que consideram que os homens desenvolvem boas qualidades pelo treino, pela prática e pela aprendizagem, se alguém as não possuir e, pelo contrário, **323e** possuir os defeitos correspondentes, sobre esses recaem, então, as irritações, os castigos e as repreensões. Um desses defeitos é a injustiça, a impiedade e, em suma, tudo o que é contrário às qualidades políticas. **324** Como, neste caso, qualquer um se irrita e repreende qualquer um, é óbvio que têm essa virtude por adquirida graças ao treino e à aprendizagem. Com efeito, Sócrates, se quiseres ponderar que punir é uma medida eficaz em relação àqueles que praticam injustiças, esse facto provar-te-á que os homens acreditam, realmente, que a virtude pode ser adquirida. Porque ninguém castiga, por praticar injustiças, aqueles que as praticam sem noção do que fazem, a menos que se castigue irracionalmente,

como qualquer animal selvagem. **324b** Mas, aquele que tenciona punir racionalmente não castiga por causa das acções passadas — porque não vale a pena chorar pelo leite derramado —, mas, como salvaguarda do que poderá acontecer, para que nem esse mesmo, nem outro que tenha presenciado a punição, pratique novas injustiças. Ora, com semelhante modo de pensar, pressupõem, então, que a virtude se pode ensinar — se se entender que, quando se pune, é com vista à correcção. **324c** Todos aqueles que aplicam castigos, quer na vida privada, quer na vida comunitária, têm esta mesma opinião. Todos os homens — e os Atenienses, teus concidadãos, não menos que os outros — castigam e punem aqueles que consideram que praticaram acções injustas. Deste argumento se depreende, então, que os Atenienses estão entre aqueles que acreditam que a virtude pode ser adquirida e ensinada. Pela minha parte, Sócrates, parece-me que foi suficientemente demonstrado que é, pois, com razão que os teus concidadãos aceitam que ferreiro e curtidor dêem a sua opinião sobre os assuntos da cidade e que acreditam que a virtude pode ser ensinada e adquirida. **324d** Resta, contudo, ainda, uma questão: aquela que levantas a propósito dos homens bons. Qual é, pois, a razão pela qual os homens bons ensinam aos filhos essas outras matérias que competem aos professores, fazendo-os sábios, mas quanto à virtude, em que eles próprios são bons, não os tornam melhores que qualquer outro? Mas, a esta questão, Sócrates, vou responder-te não com outra história, mas através de argumentos. Pensa, então, da seguinte maneira: antes de mais, há ou não uma qualidade da qual é forçoso que todos os cidadãos partilhem se realmente se quiser **324e** que haja uma cidade? Com efeito, é neste imperativo, e não em qualquer outra razão, que se encontra a solução da questão que tu levantas. Pois, se essa qualidade realmente existe e não se encontra nem na carpintaria, nem na metalurgia, nem na cerâmica, mas antes na justiça, na sensatez e na piedade **325** — em suma, numa qualidade à qual dou o nome de virtude humana —; se é essa qualidade de que todos devem partilhar e qualquer homem deve possuir, seja o que for que queira aprender ou fazer, pois sem ela nada lhe será possível; se é preciso que aquele que dela não partilhe, seja criança, homem ou mulher, seja ensinado e punido até que pela punição se torne melhor e que aquele que não responda nem à acção das punições nem dos ensinamentos, esse, seja tido como incurável e banido da cidade ou condenado à morte; **325b** se a situação é esta e se, sendo assim, os homens bons ensinam aos filhos as outras matérias, mas não esta, vê lá tu que estranhos são esses homens bons! Contudo, demonstramos já que acreditam que esta qualidade pode ser ensinada, tanto na vida particular como na comunitária. Mas, podendo esta qualidade ser ensinada e aperfeiçoada, não é verdade que ensinam aos filhos todas as outras matérias que, caso não conheçam, não os conduzirão à pena de morte, e, pelo contrário, não lhes ensinam nem os aperfeiçoam em matéria de virtude, **325c** cujo desconhecimento pode levar os seus

filhos à pena de morte e ao exílio e com a morte à confiscação dos seus bens e, resumindo numa palavra, à ruína de tudo quanto possuem? Estas matérias nem lhas ensinam nem lhes dedicam qualquer cuidado, pois não? Pelo menos, Sócrates, assim parece. Contudo, começam a ensiná-los desde que são crianças pequenas e continuarão a fazê-lo enquanto eles viverem. Logo que alguém compreende o que se lhe diz, a ama, a mãe, o pedagogo e até o pai fazem esforços nessa área, para que a criança se torne o melhor possível. **325d** Por cada palavra ou cada acto, ensinam-lhe e explicam-lhe o que é justo e o que é injusto, o que é bom e o que é censurável, o que é pio e o que é ímpio, «faz isto», «não faças isso». Se obedece voluntariamente, ainda bem; se não, endireitam-no, com ameaças e pancadas, como se fosse um pau torto e recurvo. Em seguida, quando o enviam para a escola, prescrevem que os mestres tomem muito mais cuidados com o bom comportamento das crianças e que com a aprendizagem das letras e da cítara. **325e** Os mestres, por sua vez, seguem a prescrição e, então, assim que as crianças aprenderem as letras e estiverem prontas para compreenderem os textos escritos do mesmo modo que, até aí, compreenderam os sons, colocam-lhes sobre os bancos poemas de bons poetas, para que os leiam, e obrigam-nas a aprendê-los de cor, pois neles há muitas advertências, muitas histórias e elogios dos heróis de outrora, **326** para que a criança, entusiasmada, os imite e se esforce por ser igual a eles. A seguir, os citaristas tomam idêntico cuidado no que diz respeito à moderação, para que os pequenos não venham a agir erradamente. Depois, assim que souberem tocar cítara, ensinam-lhes, então, poemas de outros bons poetas — os líricos, desta vez — com o fim de aprenderem a música para serem tocados à cítara, **326b** e obrigam a que os ritmos e as melodias se tornem familiares às almas das crianças, para que sejam mais delicadas; ao tornarem-se mais graciosas e mais moderadas, serão melhores quer no falar quer no agir. Tudo na vida do homem precisa de ritmo e de harmonia! E mais ainda, a seguir mandam-nas ao pedotriba, para servirem o espírito bem formado com corpos melhores e não serem obrigados a abster-se, por causa de deficiência física, nem nas guerras nem em outras actividades. **326c** Os que têm mais possibilidades — e os mais ricos são os que mais podem — é assim que actuam e os seus filhos começam a frequentar a escola muito cedo e deixam-na muito tarde. Logo que saem da escola, é a vez de a cidade os obrigar a aprender as leis e a viver de acordo com elas e com os seus paradigmas, **326d** para não agirem apenas como bem lhes parecer. E, simplesmente, do mesmo modo que os mestres das primeiras letras, depois de traçarem linhas com o estilete, dão as tabuinhas às crianças que ainda não sabem escrever e as obrigam a seguir a direcção das linhas, assim também a cidade, depois de traçar leis, obra de bons e antigos legisladores, obriga a que se governe e a que se seja governado de acordo com elas, e pune aquele que, porventura, vier a transgredi-las. **326e** E o nome para essa punição, tanto aqui entre nós como em

muitos outros lugares, é corrigir, uma vez que a justiça corrige. Sendo tal o cuidado em torno da virtude, quer na vida privada quer na comunitária, admiras-te, Sócrates, e questionas que a virtude possa ser ensinada? Pois não deves espantar-te; deverias, antes, espantar-te muito mais se o não pudesse ser. Mas, por que razão, afinal, a maioria dos filhos de pais notáveis resultam fracos? Ora, repara no seguinte: na realidade, não é nada espantoso, se é mesmo verdade o que eu disse antes, que, se se quiser que haja uma cidade, é necessário que ninguém ignore uma qualidade — a virtude. **327** Se, com efeito, as coisas são como eu digo — e o mais provável é que assim seja — considera uma qualquer outra actividade ou assunto à tua escolha. Se não fosse possível que uma cidade existisse, a menos que todos nós, na medida das nossas possibilidades, fôssemos tocadores de flauta, cada um deveria poder ensinar o outro a tocar flauta, quer em particular quer na comunidade, e censurar aquele que não o fizesse bem, sem recusar esse ensino; **327b** do mesmo modo que, o nosso caso, ninguém recusa o ensino da justiça e das leis, nem o oculta, como no ensino das outras artes. Assim, considero que nos será benéfico conjugar a justiça e a virtude, pois é por essa união que qualquer um, zelosamente, explica e ensina ao outro os direitos estabelecidos pela lei. Então, se no que toca à arte da flauta temos, assim, todo o zelo e disponibilidade para ensinarmos os outros, consideras, porventura, Sócrates — perguntou ele —, que os filhos dos tocadores de flauta talentosos se tornam melhores que os dos fracos? Não me parece! Antes, o filho que tem a sorte de nascer com melhores dotes para a arte da flauta, esse, crescerá com grande fama; **327c** ao contrário, o nascido sem dotes permanecerá inglório. E, muitas vezes, o filho do flautista talentoso poderá resultar fraco, enquanto que, é frequente também, o do fraco resultar talentoso. Contudo, mesmo assim, todos serão uns tocadores de flauta sofríveis quando comparados com os leigos e com aqueles que não são conhecedores da arte de tocar flauta. Assim, considera agora também que o homem que te parecer de uma injustiça absoluta, numa comunidade que foi educada segundo as leis; **327d** esse, passa a ser também justo e especialista nesta matéria, se for preciso compará-lo a homens que não têm nem educação, nem tribunais, nem leis, nem qualquer tipo de restrição que obrigue qualquer um a tomar cuidado em relação à virtude — homens que sejam uns selvagens semelhantes àqueles que, no ano passado, o poeta Ferécrates encenou nas Leneias. Pois, se te visses no meio de homens dessa espécie, como os misantropos do tal coro, alegrar-te-ias por encontrar Euríbato e Frinondas e, com saudade, lamentarias, a viva voz, a fraqueza dos nossos homens. **327e** Mas agora, Sócrates, amuas porque todos se metem a mestres de virtude, cada um na medida em que pode, e tu não reconheces nenhum como tal. **328** Ora bem, do mesmo modo, se procurasses um professor de língua grega, não encontrarias nenhum, nem, quer-me parecer, se procurasses alguém que ensinasse aos filhos dos nossos artesãos essa mesma arte que eles aprenderam junto do pai,

na medida em que foi possível ao pai e aos seus companheiros de ofício ensinarem-lha. Ainda que alguém quisesse ensiná-los, não considero Sócrates, que fosse fácil encontrar-lhes um professor, como com facilidade, certamente, se encontra para os ignorantes, quer em matéria de virtude quer em qualquer outra matéria. Mas se houver alguém que nos conduza, ainda que um pouco, na direcção da virtude, já é bom. **328b** Quanto a mim, acho que sou um desses que excedem os outros na possibilidade de tornar perfeito qualquer homem e que merece o salário — o que é estipulado por mim e ainda mais, se o aluno assim entender. Por esta razão estabeleci o salário das minhas lições da seguinte maneira: sempre que alguém aprender comigo, se quiser, paga-me a quantia que eu estipulei; se não, depois de ter ido a um templo e ter ponderado qual diz ser o valor dos meus ensinamentos, entrega-me essa mesma quantia. **328c** Deste modo, Sócrates, fica provado, por uma história e por argumentos, que a virtude se pode ensinar, que assim o crêem os Atenienses e que não é espantoso que os filhos de pais talentosos resultem fracos, nem os dos fracos talentosos. E até os filhos de Policleto, que têm a mesma idade aqui de Páralo e Xantipo, não têm nada a ver com o pai, o mesmo acontecendo também com os filhos de outros artistas. Mas, quanto a estes aqui não vale a pena denunciar já esta diferença, porque ainda é possível ter esperança neles. São novos!

328d Protágoras, depois de ter exibido demoradamente a sua arte, deu por concluído o discurso. E eu, *enfeitiçado ainda durante muito tempo*, olhava-o, na esperança de que dissesse alguma coisa mais e ansioso por ouvi-lo. Depois, no momento em que percebi que ele realmente teria chegado ao fim, bem a custo, recuperei o meu alento e disse, olhando para Hipócrates:

- Ó filho de Apolodoro, como te agradeço teres-me feito vir até aqui! Com efeito, muito prezo ter ouvido as coisas que ouvi a Protágoras. **328e** Porque eu antes não acreditava que houvesse cuidado humano pelo qual os bons se tornassem bons. Mas agora estou convencido! Resta-me só um pequeno obstáculo, que, é óbvio, Protágoras facilmente me ajudará a transpor, depois da quantidade de coisas que ele explicou. É que, se alguém consultasse sobre estes mesmos assuntos qualquer um dos nossos oradores, **329** provavelmente ouviria discursos semelhantes, quer a Péricles, quer a qualquer outro dos que falam com habilidade. Mas se lhes perguntarem mais alguma coisa é como se fossem livros, nem podem responder nem perguntar eles próprios. Antes, se alguém questionar alguma coisita do que disseram, tal como as peças de bronze, quando batem, ressoam longa e demoradamente, caso ninguém as trave, assim também os oradores esticam sem fim o discurso mesmo se interrogados sobre pequenas coisas. **329b** Mas, aqui o nosso Protágoras é capaz de proferir grandes e belos discursos, como acaba de

mostrar, mas também é capaz de responder, falando com brevidade, e de, quando interrogado, esperar e aceitar as respostas, qualidades que poucos possuem. Pois agora, Protágoras, falta-me um pequeno pormenor para entender tudo, se me deres esta resposta. Dizes que a virtude pode ser ensinada e eu deixo-me persuadir por ti mais do que me deixaria persuadir por qualquer outra pessoa. Satisfaz-me só, no fundo da alma, um aspecto do que disseste que me espantou. **329c** É que tu afirmaste que Zeus enviou aos homens a justiça e o respeito, e, a seguir, disseste também, em diversas partes do teu discurso, que a justiça, a sensatez, a piedade e outras qualidades seriam, em suma, uma qualidade única - virtude. Começa então por me explicares, com um discurso mais preciso, se a virtude é um todo e, em seguida, se a justiça, a sensatez e a piedade são partes dessa virtude ou se estes nomes, que enumerei agora, são os vários nomes de uma mesma e única qualidade. É este pormenor que eu desejaria ainda conhecer.

329d - Mas, a essa questão é bem fácil responder, Sócrates; essas qualidades sobre as quais me interrogas são partes de uma única, da virtude.

- E são partes como as partes do rosto, a boca, o nariz, os olhos e as orelhas, ou como as partes do ouro, que não diferem nada umas das outras, nem cada uma delas do todo, excepto no tamanho?

329e - Parece-me, Sócrates, que do primeiro modo, tal como as partes do rosto estão para o rosto inteiro.

- Mas, então, os homens participam destas partes da virtude, uns de umas, outros de outras, ou é forçoso que, se alguém possuir uma, as tenha todas?

- De maneira nenhuma - respondeu ele - porque muitos são corajosos, mas injustos e, outras vezes, justos, mas não sábios.

330 - Ah! Então, sabedoria e coragem também são partes da virtude?

- Certamente, as mais importantes de todas. E a sabedoria é a maior dessas partes.

- E cada uma delas ou é uma qualidade ou é outra?

- Sim.

- E cada uma tem uma função particular, do mesmo modo que, no rosto, os olhos não são iguais aos ouvidos, nem a sua função é a mesma, nem nenhuma das partes é igual à outra, nem na sua função nem noutros aspectos? É também assim com as partes da virtude, não é? Nenhuma se assemelha à outra, nem em si própria nem na sua função? **330b** É óbvio que tem de ser assim, para que se identifique com o exemplo proposto.

- É assim mesmo, Sócrates.

- Ora então - perguntei eu -, nenhuma das outras partes da virtude é igual ao conhecimento, nem igual à justiça, nem igual à coragem, nem igual à sensatez, nem igual à piedade?

- Pois não.

- Vejamos bem: consideremos, os dois em conjunto, o que é cada uma delas. Em primeiro lugar o seguinte: a justiça é uma realidade ou não? A mim parece-me que é. E a ti?

330c - A mim também.

- E qual, então? Se alguém nos perguntasse, a ti e a mim: «Protágoras, Sócrates, digam-me lá os dois, essa realidade de que falavam há pouco, a justiça, é algo justo ou injusto?» Eu responder-lhe-ia que justo. E tu que voto darias? Igual ao meu ou outro?

- Igual.

- Eu, por mim, ao responder a quem me perguntava, diria que a justiça é semelhante ao ser-se justo. Tu dirias o mesmo?

330d - Sim.

- Então, se, em seguida, nos perguntassem: «Pois, e não dizem que existe também uma coisa chamada piedade?», creio eu que responderíamos que sim.

- Sim - concordou ele.

- «E não dizem também que é uma realidade?» Diríamos que sim, ou não?

- Também estou de acordo neste ponto.

- «E dizem que essa mesma realidade se manifesta do mesmo modo que ser-se ímpio ou que ser-se pio?» A mim, tal pergunta, ia irritar-me e obrigar-me a responder: « Cuidado com o que dizes amigo! Só com dificuldade algo seria pio, se não fosse pia a própria piedade. » E tu que dirias? Não responderias deste modo?

330e - Exactamente assim – Ele concordou.

- E se se dirigisse a nós com novas perguntas: «Então que estavam vocês a dizer? Por acaso, não vos terei ouvido bem? Parecia-me que diziam que as partes da virtude estavam umas para as outras de modo a nenhuma delas ser igual à outra.» Quanto a mim, dir-lhe-ia: «Ouviste correctamente o resto, mas percebeste mal quando pensas que quem disse essas coisas fui eu. Com efeito, foi aqui o nosso amigo Protágoras quem deu essas respostas, eu só o interroguei.» **331** Se ele, então, dissesse: «É verdade o que ele diz, Protágoras? Dizes tu que cada uma das partes da virtude não é igual à outra? São estas as tuas palavras?», que lhe responderias?

- Ser-me-ia forçoso concordar, Sócrates.

- E que lhe responderíamos, então, Protágoras, ao fim de termos concordado nestes pontos, se insistisse em perguntar: «Ora, pelos vistos, piedade não é uma realidade semelhante a ser-se justo, nem justiça a ser-se pio, mas antes a não se ser pio; e a piedade não é ser-se justo, mas antes, por acaso, ser-se injusto e a justiça diz-se ímpio?», **331b** que lhe responderíamos? Eu, falando por mim, diria que a justiça é pia e a piedade é justa; e falando por ti também - se mo permitisses -, responder-lhe-ia precisamente o mesmo: que a justiça é idêntica à piedade, ou muito parecida, e, mais do que todas as outras, a justiça se assemelha à piedade e a piedade à justiça. Mas vê se não queres que eu responda ou se tu também pensas assim.

- Não acho Sócrates, que seja assim tão simples, a ponto de concordar que a justiça é pia e que a piedade é justa, até me parece que existe nelas alguma diferença. **331c** Mas o que é que estas coisas importam? - acrescentou ele. - Se quiseres, tenhamos lá a justiça por pia e a piedade por justa.

- Por mim, não - respondi eu -, não quero estar a examinar nenhum «se quiseres» ou nenhum «se te parecer», apenas a mim e a ti. E sublinho este «a mim e a ti» porque considero que é possível examinar melhor um argumento se se lhe retirar o «se».

331d - Pois muito bem, justiça e piedade assemelham-se...e, na verdade, uma coisa assemelha-se sempre a outra, num ponto ou noutro. O branco, em certa medida, assemelha-se ao negro, o duro ao mole, e também as outras coisas que parecem ser completamente opostas umas às outras. Até aquelas partes do rosto, que dissemos que tinham funções diferentes e que não eram o mesmo que a outra se assemelham, num ponto ou noutro, e uma é o mesmo que a outra. **331e** De modo que, com este método, poderás provar, se quiseres, que todas elas são iguais umas às outras. Mas não é justo chamar nem semelhante ao que tem semelhanças, nem diferente ao que tem diferenças, mesmo que a semelhança seja muito pequena.

E eu, espantado, retorqui-lhe:

- E então, para ti, é essa a relação que a justiça e a piedade têm uma com a outra, apenas uma pequena semelhança?

332 - Não propriamente, mas também não é como tu hás pouco me pareceste considerar.

- Bom, como estou a ver que o assunto te enfada, deixemo-lo e debrucemo-nos sobre um outro ponto do que disseste. Chamas insensatez a alguma coisa?

- Chamo.

- E a sabedoria não é totalmente contrária a essa realidade?

- É o que parece.

- Antes de mais, quando os homens agem de modo correcto e útil, não te parece que, ao agir assim, agem com sensatez ou o contrário?

- Que agem com sensatez.

- E, então, agem sensatamente por sensatez.

332b - Forçosamente.

- Ora, e aqueles que não agem correctamente agem insensatamente e, agindo assim, não são sensatos, pois não?

- Sim, também me parece.

- Sendo assim, agir insensatamente é o contrário de agir sensatamente?

- É.

- Então, as acções realizadas insensatamente são realizadas por insensatez e as realizadas sensatamente por sensatez?

- Concordo.

- E se algo é realizado com força, é realizado de maneira forte e se é realizado com fraqueza de maneira fraca?

- É o que parece.

- E se é com rapidez, rapidamente, e se com lentidão, lentamente?

- É.

332c - E assim, se algo é realizado de uma maneira, é realizado dessa maneira, e se algo é realizado de maneira contrária pela maneira contrária?

- Pois também.

- Vejamos, então - continuei eu -, o belo existe?

- acho que sim.

- E tem algum contrário à excepção do feio?

- Não.

- E que mais? O bem existe?

- Existe.

- E tem algum contrário à excepção do mal?

- Não.

- E que mais? A voz tem timbres agudos?

- Tem.

- E não têm outro contrário à excepção dos graves?

- Não.

- Então – insisti -, para cada coisa há um único contrário, não muitos?

- Estou de acordo contigo.

332d - Vá lá, recapitulemos os pontos em que concordamos. Estamos de acordo em que para cada coisa só existe um contrário e não mais?

- Estamos.

- E que o que é realizado de modo contrário se realiza por razões contrárias?

- Sim.

- E estamos de acordo em que o que é realizado insensatamente é realizado ao contrário do que é realizado sensatamente?

- Estamos.

- E que o que é realizado sensatamente se realiza com sensatez e o que é realizado insensatamente com insensatez?

- Concordo.

332e - Então, se se agir de modo contrário, será por razões contrárias?

- Decerto.

- E age-se, num caso, por sensatez, e, noutro por insensatez?

- É.

- De modo contrário?

- Exactamente.

- E por serem contrários?

- Sim.

- De modo que insensatez é o contrário de sensatez?

- É o que parece.

- Lembras-te, então, que no início, concordamos que a insensatez era o contrário da sabedoria?

- Pois concordei.

- E que, para uma única coisa, havia um único contrário?

- Sim.

333 - Então, antes de continuarmos, Protágoras, qual dos dois argumentos pomos de parte? O de que, para uma coisa, existe apenas um contrário ou aquele em que se disse que uma coisa é sensatez e outra é sabedoria, cada uma delas uma parte de virtude, e não só diferentes entre si, mas também na sua função, tal como as partes do rosto? Qual pomos de parte? Sim, que estes dois argumentos, em conjunto não se ligam com grande harmonia, porque nem estão em uníssono nem combinam um com o outro. Aliás, de que modo poderiam estar em uníssono se, por um lado, é forçoso que para uma coisa exista um único contrário, não muitos, **333b** e, por outro lado, a sensatez e a sabedoria parecem ambas contrárias à insensatez, sendo esta uma só. É assim, Protágoras, ou de outro modo?

Ele concordou, mas bastante contrafeito.

- Será, então, a sensatez e a sabedoria uma só? Já antes nos pareceu também que a justiça e a piedade eram próximas... Vá lá, Protágoras, não nos demos por cansados e analisemos o resto. Parece-te, por acaso, que um homem que age injustamente é sensato, agindo deste modo?

333c - Eu cá envergonhava-me, por concordar com uma coisa dessas, embora muitos homens o façam.

- E antes hei de dirigir o meu discurso a eles ou a ti?

- Se quiseres - respondeu -, discute, em primeiro lugar, a opinião da maioria.

- Mas, para mim, não tem nenhuma importância, desde que tu realmente respondas se é o que tu pensas ou não. É principalmente o argumento que estou a examinar, embora corresponda, certamente, a examinar-me tanto a mim que interrogo, como àquele que responde.

333d Então, a princípio, Protágoras mostrou-se-nos reservado - alegando que o argumento era difícil -, mas depois lá consentiu em responder:

- Vá lá - pedi-lhe eu -, responde-me desde o princípio: alguns dos que são injustos parecem-te sensatos?

- Se quiseres...

- Mas diz-me que ser sensato é pensar bem?

- Digo.

- E que pensar bem é planificar bem as injustiças que se cometem?

- Se quiseres...

- E são injustos se as realizam bem ou se as realizam mal?

- Se as realizam bem.

- E dizes que existem algumas coisas que são boas?

- Digo.

- E por acaso, essas coisas que são boas são as úteis aos homens?

333e - Ora, por Zeus! Eu, por mim, chamo boas mesmo as coisas que não sejam úteis aos homens!

E pareceu-me que Protágoras já estava exasperado e se preparava para a luta e para cerrar fileiras contra o interrogatório. De modo que, quando o vi nesta disposição, tomei cuidado e perguntei com brandura:

- Antes de mais, Protágoras, referes-te a coisas que não são úteis aos homens ou que não são úteis de todo? Tu também chamas boas a essas?

334 - De modo nenhum! Mas eu conheço muitas coisas que são inúteis para os homens, quer alimentos, quer bebidas, quer medicamentos, quer inúmeras outras coisas, mas também conheço outras que são úteis; e as que não são nem uma coisa nem outra para os homens mas o são para os cavalos; as que só são úteis aos bois e as que o são aos cães; e, ainda as que o não são a nenhum destes mas, antes, às árvores; as que são boas para as raízes das árvores mas daninhas aos rebentos: **334b** o estrume, por exemplo, é aplicado às raízes de todas as plantas, mas, se quiseres colocá-lo sobre os ramos e os galhos novos, perdem-se todos. E também o azeite é extremamente nocivo à totalidade das plantas e bastante prejudicial ao pêlo dos outros seres vivos excepto ao do homem - ao cabelo e ao resto do corpo do homem é benéfico. Assim, o que é bom é mutável e multifacetado, de modo que mesmo aqui o que é bom para o exterior do corpo do homem é péssimo para o seu interior. **334c** É por essa razão que todos os médicos proíbem os seus doentes de utilizar azeite nos alimentos que tencionam comer, a não ser em pequenas quantidades, somente para disfarçar o desagrado da sensação, recebida pelo olfacto, que resulta de certos pratos e iguarias.

Então, concluídas estas observações, os presentes aplaudiram-no por ter falado tão bem, e eu repliquei:

- Ó Protágoras, acontece que eu sou um homem esquecido e quando alguém fala comigo demoradamente, esqueço qual era o conteúdo do discurso. **334d** É como se me acontecesse ser surdo; nesse caso ias achar necessário, se realmente estivesses disposto a dialogar comigo, falar bem mais alto do que com os outros. Do mesmo modo, agora que estás a lidar com alguém esquecido, encurta as tuas respostas e torna-as mais breves, se queres que eu possa acompanhar-te.

- Ora, e em que medida me pedes que responda brevemente? Que te responda de modo mais breve do que é preciso?

- De maneira nenhuma!

- Só o que é preciso, então?

334e - Exactamente.

- E, outra coisa, hei de responder-te o que a mim me parecer que é preciso responder ou o que te parecer a ti?

- O que eu, de facto, ouvi dizer foi que és capaz, tu próprio ou outros que tenhas ensinado, de falar demoradamente, se quiseres, de modo que, assim, o discurso não termine, mas também com brevidade, de forma que, assim, nenhum outro seja mais breve a falar do que tu. **335** Pois, se estás interessado em dialogar comigo, serve-te, por favor, deste segundo método - o da brevidade.

- Ó Sócrates, eu já travei combates verbais com muitos outros homens, e se tivesse feito o que tu mandas, discutir assim, da maneira que o meu antagonista me mandasse discutir, nem seria melhor que ninguém, nem o nome de Protágoras se teria tornado conhecido entre os Helenos.

335b E eu, ao perceber que lhe não tinha agradado as respostas anteriores e que não quereria, voluntariamente, continuar o diálogo, sendo ele a responder, achei que já não tinha qualquer proveito em levar por diante aquela conversa e disse:

- Ora bem, Protágoras, não me parece fácil continuarmos a conversa num rumo contrário ao que tu desejas; contudo, quando quiseres dialogar de um modo que eu seja capaz de te seguir, então dialogarei contigo. É que tu (é o que se diz de ti e tu próprio concordas) tens possibilidades de manter uma conversa, quer com um longo discurso, quer com um discurso breve - pois és um homem hábil -; agora eu não sou capaz de longos discursos, embora gostasse de o ser. **335c** Mas era bom que tu, uma vez que és capaz de o fazer das duas maneiras, chegasses a acordo connosco, para podermos conversar. Contudo, já que não queres e eu também tenho um compromisso, não me vai ser possível esperar que tu faças longos discursos - pois tenho mesmo de ir a um outro lugar -; vou-me embora. Se não fosse esse motivo, ficava a ouvir-te certamente e sem qualquer desagrado.
Ao mesmo tempo em que dei esta justificação, levantei-me para sair. E, já eu estava de pé, Cálias pegou na minha mão com a sua mão direita, tomou-me aqui o manto, com a esquerda e disse:

335d - Não, te deixaremos ir, Sócrates; é que se te fores embora, a nossa conversa não será a mesma. Peço-te, pois, que fiques connosco. Por mim, nada ouviria de mais agradável que a vossa discussão, tua e de Protágoras. Vá, faz-nos a vontade a todos.

E eu, levantado já para sair, respondi-lhe:

- Filho de Hiponico, no que me diz respeito, sempre admirei a tua ânsia de sabedoria, e não deixo de a louvar e apreciar, neste momento; **335e** de modo que quereria fazer-te a vontade, se me pedisses coisas possíveis. Agora, o que me estás a pedir equivale a que acompanhasse o corredor Críson de Hímera, no seu auge, ou que competisse, na corrida, com um dos corredores de longa ou média distância. **336** Podia responder-te que me agradaria, muito mais do que a ti, acompanhar esses corredores, só que não sou capaz; se quiseres ver-nos, a mim e a Críson, a correr juntos, pede-lhe que o faça ao meu ritmo. Porque eu não sou capaz de correr depressa, mas ele é capaz de o fazer devagar. Se desejas, então, ouvir-nos, a mim e a Protágoras, pede-lhe que responda agora como me respondeu no início, de maneira breve e ao que lhe é perguntado. **336b** Se não, qual será o rumo da nossa conversa? Eu acreditava que havia diferença entre conversar e fazer um discurso público.

- Mas - vês, Sócrates? - Protágoras parece estar certo ao dizer que é justo continuar o diálogo do modo que quiser, e tu, por tua vez, da maneira que quiseres.

Então, Alcibíades tomou a palavra e disse:

- Não tens razão no que dizes, Cálias. É que aqui o nosso Sócrates admite que não consegue seguir longos discursos e concede a vitória a Protágoras, mas quando se trata de dialogar e ser entendido em dar e devolver argumentos, **336c** aí espantar-me-ía se concedesse a vitória a outro homem. Ora, se Protágoras admitir que é inferior a Sócrates na arte de dialogar, para Sócrates será suficiente; mas se levanta algum obstáculo, ele que conduza o diálogo interrogando e respondendo, sem fazer um longo discurso para cada questão, contornando os argumentos e não querendo dar respostas, **336d** prolongando, antes, o discurso até que muitos dos ouvintes tenham esquecido qual era o teor da pergunta. Quanto a Sócrates, garanto que não se esquecerá e que não está senão a brincar ao dizer que é um esquecido. Parece-me, então, que o que diz Sócrates é mais razoável. É preciso que cada um apresente a sua opinião.

Depois de Alcibíades - creio eu - foi Crítias a falar:

336e - Pródico e Hípias, parece-me que Cálias está mais do lado de Protágoras, enquanto Alcibíades está sempre desejoso de levar a melhor na posição em que, porventura, apostar. Não devemos tomar nenhum partido, nem por

Sócrates, nem por Protágoras, mas antes pedir para ambos que não quebrem a conversa a meio.

337 Depois de ele ter dito estas palavras, Pródico acrescentou:

- Parece-me bem o que o dizes, Crítias. É, de facto, necessário que, aqueles que assistem a discussões destas ouçam ambos os interlocutores, de modo imparcial, mas não passivo - é que são coisas diferentes. É preciso ouvir os dois do mesmo modo, mas não atribuir a cada um o mesmo valor, antes mais ao mais sábio e menos ao mais ignorante. Pela minha parte, Protágoras e Sócrates, suponho que concordarão em discutir sobre os argumentos, mas sem contender **337b** - é que os amigos discutem com os amigos, com cordialidade, enquanto que aqueles que contendem são os que estão em desacordo e se odeiam uns aos outros - assim, a nossa conversa será muito melhor. Porque, então, vocês, os que falam, receberão, desse modo, da nossa parte, dos que ouvimos, sobretudo um grande apreço, mais do que louvor. Na verdade, o apreço vem, sem mentiras, da alma daqueles que ouvem, enquanto o louvor, muitas vezes, trai com palavras a verdadeira opinião. Então, nós, ouvintes, a experimentaremos, sobretudo júbilo e não prazer. **337c** Rejubilar é aprender algo e partilhar da inteligência do próprio espírito; experimentar prazer é antes comer algo ou receber outro prazer só para o corpo.

Então, depois de Pródico ter falado assim, muitos - muitos mesmo - dos presentes o apoiaram. A seguir a Pródico, falou o sábio Hípias:

- Meus senhores, aqui presentes, creio eu que todos são aparentados, familiares e concidadãos - por natureza, não por lei. **337d** Porque qualquer coisa que é semelhante a outra é, por natureza, aparentada com aquela a que se assemelha; mas a lei, que é um tirano entre os homens, força a muitas coisas contrárias à natureza. Seria então censurável se nós, que conhecemos a natureza das coisas, somos os mais sábios dos Helenos e aqui estamos, por essa mesma razão, reunidos todos, a capital da sabedoria da Hélade e aqui nesta casa, a maior e mais próspera desta cidade, **337e** não expuséssemos nada que honrasse a nossa reputação e divergíssemos uns dos outros como se fôssemos os mais incapazes dos homens. Peço-vos, pois, e dou-vos por conselho, Protágoras e Sócrates, que cheguem a um acordo, tendo-nos a nós por árbitros para vos conciliarmos: **338** a ti, [Sócrates] que não pretendas esse tipo de precisão do diálogo, de excessiva brevidade, se ela não agrada a Protágoras, mas, antes, a seres condescendente e folgares as rédeas aos teus discursos, para que nos pareçam mais magnificientes e elegantes; por sua vez, a Protágoras, *que não navegue de vela desfraldada, ao sabor do vento, e fuja para um mar de discursos, onde não se aviste terra*. Que

fiquem antes pelo meio-termo! Façam assim, então, e se estão persuadidos pelas minhas palavras escolham um árbitro, um juiz, um presidente que vos supervisione na extensão do discurso de cada um.

338b Estas palavras agradaram aos presentes e todos o louvaram; Cálias disse que não me deixaria ir e pediu que se escolhesse um juiz. Respondi-lhe eu então que seria uma vergonha escolher um árbitro para os discursos:

- É que se o escolhido for inferior a nós, não estará correcto que aquele que é inferior julgue os que são melhores; se for igual, também não estará correcto: porque aquele que é igual a nós procederá da mesma maneira, de modo que seria uma escolha inútil. **338c** Ora, então, terão de escolher alguém melhor do que nós. Só que, em boa verdade, pelo que me parece, ser-vos-á impossível escolher alguém mais sábio que aqui o nosso Protágoras; por outro lado, senão escolherem alguém melhor, ainda que assim o afirmem para ele será vergonhoso na mesma escolherem-lhe um juíz, como se se tratasse de um medíocre; quanto a mim, não me faz diferença nenhuma. Mas para que tenhamos a conversa que desejam, quero propor o seguinte: se Protágoras não quiser responder, então que faça ele as perguntas, **338d** que eu respondo-lhe, e, ao mesmo tempo, vou tentar mostrar-lhe de que modo digo eu que aquele que responde deve responder. E, depois de eu ter respondido a quanto ele me quiser perguntar, passar-me-á ele, novamente, a palavra, do mesmo modo. E se, pelo contrário, ele não parecer desejoso de responder ao que lhe é perguntado, todos nós, em conjunto, lhe pediremos o mesmo que me pediram vocês, que não estrague a conversa. **338e** Posto isto, não há necessidade alguma de termos um árbitro; antes, todos arbitrarão em conjunto.

A todos pareceu que assim se deveria fazer. Protágoras não estava muito convencido, mas mesmo assim foi forçado a concordar que ele faria as perguntas e, depois de ter perguntado o suficiente, responderia ele, de novo, utilizando um discurso breve.

338e Começou, então, por perguntar qualquer coisa do género:

- Creio eu, Sócrates, que para um homem a parte mais importante da educação consiste em ser perito em matéria de poesia, e essa perícia significa poder entender e saber distinguir, na obra dos poetas, o que está feito de modo correcto e o que não está e justificar-se perante qualquer dúvida. **339** Pois a minha pergunta de agora é precisamente sobre esse assunto acerca do qual tu e eu temos

estado a discutir, acerca da virtude, só que transferido para a poesia. Difere apenas nesse pormenor. Simónides diz algures a Escopas, filho de Creonte da Tessália:

339b "*Ora, é difícil tornar-se, de verdade, um homem de bem, perfeito de mãos e pés e espírito, obra lapidada sem falha*".

- Conheces este poema ou queres que to recite todo?

- Não é preciso; eu também o conheço e, por acaso, até me tenho ocupado bastante dele.

- Ainda bem que o dizes! E achas que está composto com beleza e correcção, ou não?

- Com muita beleza e correcção, até.

- E parecer-te-á na mesma composto com beleza, se o poeta se contradisser assim mesmo?

- Não, assim não terá beleza - respondi eu.

- Vê, então, melhor.

339c - Mas, meu caro, eu já o examinei que chegue!

- Sabes, então, que alguns versos mais à frente, nesse poema diz: "Não julgo razoável a máxima de Pítaco[4], embora tenha sido um homem sábio a proferi-la: disse que *é difícil ser nobre*". Sabes que a mesma pessoa disse estas palavras e aquelas que estavam antes?

- Tenho a certeza!

- Parece-te então que estas palavras concordam com as outras?

- A mim, de facto, parece-me que sim (mas, ao mesmo tempo, fiquei com medo do que ele fosse argumentar); a ti não te parece?

---

[4] **Pítaco** (em grego: Πιττακός, c. 640 a.C. - 568 a.C.) foi um estadista e legislador[1] da Grécia Antiga, um dos Sete Sábios da Grécia. Filho de Hirrádio, era natural de Mitilene, e foi o general (estratego) daquela cidade que liderou seu exército à vitória na batalha contra os atenienses e seu comandante,Frínon.

339d - Como é que alguém poderá parecer estar de acordo consigo mesmo, se disser estas duas coisas: em primeiro lugar, ele próprio declara que é difícil *tornar-se*, verdadeiramente, um homem bem; mas esquece-o, um pouco mais à frente, ao continuar o poema, e quando Pítaco diz a mesma coisa que ele próprio dissera, que é difícil *ser* nobre censura-lhe essas palavras e diz não aceitar do outro a afirmação que ele próprio tinha feito? É que, ao censurá-lo, por falar assim, é óbvio que se censura a si próprio. De modo que algo do que disse, ou antes, ou depois, não está correcto.

339e Estas palavras provocaram entusiasmo e os aplausos de muitos dos ouvintes e eu, a princípio, como que derrubado por um bom pugilista, senti que perdia a vista e os sentidos, por causa do que ele dissera e do entusiasmo dos outros. Em seguida - para te dizer da verdade, com o intuito de ganhar tempo para ponderar o que o poeta teria querido dizer -, virei-me para Pródico e chamei-o:

340 - Ó Pródico, Simónides é teu concidadão. É justo que ajudes o nosso homem. Parece-me bem recorrer, tal como diz Homero que o Escamandro, ante a investida de Aquiles, recorresse ao Simuente, dizendo: *Querido irmão, enfrentemos juntos a força deste homem.* Pela mesma razão, eu recorro a ti, para que Protágoras não nos destrua Simónides de vez. É que, decerto, a defesa de Simónides precisa da correcção da tua arte, pela qual distingues que querer e desejar não são a mesma coisa, **340b** e que fazes todas aquelas distinções formidáveis de há pouco. Observa lá bem, então, se a tua opinião coincide com a minha. A mim não parece que Simónides se contradiga a si mesmo. Mas, adianta-nos tu, Pródico, a tua opinião: parece-te que *tornar-se* é o mesmo que *ser* ou algo diferente?

- Diferente, por Zeus! - respondeu.

- Ora bem, não é verdade que Simónides, nos primeiros versos, mostrava a sua própria opinião, que é difícil *tornar-se*, verdadeiramente, um homem de bem?

340c - Tens razão no que dizes - confirmou Pródico.

- E censura Pítaco, precisamente, não como pensa Protágoras, por dizer o mesmo que ele, mas outra coisa, porque Pítaco não diz que isso é difícil, *tornar-se* nobre, como Simónides, mas sim *sê-lo*. Não é a mesma coisa, Protágoras, tal como diz o nosso Pródico, *ser* e *tornar-se*. E se *ser* não é o mesmo que *tornar-se*, Simónides não se contradiz a si mesmo. **340d** De igual modo, o nosso Pródico e muitos outros, a partir de Hesíodo, hão de dizer que é difícil *tornar-se* um homem

de bem - porque, anteposto ao mérito, colocaram os deuses o suor - e que, quando alguém atinge o cume desse mérito, torna-se fácil depois, por difícil que seja, conservá-lo.

Pródico ouviu as minhas palavras e aplaudiu-as. Mas Protágoras replicou:

- A tua defesa, Sócrates, acrescenta um erro maior à tese que te empenhas em defender.

Respondi-lhe, então:

- Bem, pelo que me parece sai-me mal - não é verdade, Protágoras? - e sou uma espécie de médico caricato, que torna maior a doença que trata.

340e - É isso mesmo.

- Como assim? - quis eu saber.

- Seria muita ignorância do poeta se dissesse que conservar a virtude é algo assim tão simples, quando a todos os homens parece que é mais difícil de todas as coisas.

341 - Por Zeus, vem mesmo a propósito termos aqui o Pródico a participar no diálogo. Porque, decerto, Protágoras, a arte de Pródico é algo de divino e antigo, iniciada com a de Simónides ou até mais antiga. Tu que és conhecedor de tantas coisas pareces desconhecer esta, mas eu conheço-a porque fui discípulo do próprio Pródico. É que me está a parecer que não sabes que talvez Simónides não entendesse esse "difícil" do mesmo modo que tu o entendes. É como, por exemplo, a propósito de "terrível", para o qual Pródico me chama a atenção frequentemente. **341b** Quando te aplaudo a ti ou qualquer outro digo que Protágoras é um homem "terrivelmente sábio" e ele pergunta-me se não me envergonho de chamar "terríveis" as coisas boas. Porque o que é «terrível», diz ele, é mau; pelo menos, não é comum falar-se de "uma terrível riqueza", nem de "uma terrível paz", nem de uma «terrível robustez», mas sim de "uma terrível doença", de "uma terrível guerra" e de "uma terrível pobreza" - como se o que é "terrível" fosse mau. Provavelmente, os habitantes de Ceos e Simónides entendem este «difícil» ou como algo mau ou noutro sentido que tu desconheces. Perguntemos então a Pródico - é justo interrogá-lo a ele sobre o dialecto de Simónides -: a que chama Simónides "*difícil*", Pródico?

341c - Ao que é mau - respondeu ele.

- Ora, por isso mesmo - não é, Pródico? -, censura Pítaco porque diz que é difícil ser nobre, como se lhe tivesse ouvido dizer que é mau ser nobre.

- Mas, Sócrates - interrompeu ele -, parece-te então que Simónides diz outras palavras que não sejam as que ouvimos e que ataca Pítaco por ele não saber distinguir correctamente os significados, uma vez que, sendo de Lesbos, foi criado numa língua bárbara?

341d - Estás a ouvir aqui o Pródico, Protágoras... Queres dizer mais alguma coisa?

Protágoras replicou:

- As coisas não podem ser assim de modo nenhum, Pródico! Sem sombra de dúvida, Simónides chama "difícil" ao mesmo que todos nós, não ao que é mau, mas ao que não é fácil e que só se consegue através de muitas provações.

- Pois a mim também me parece, Protágoras, que é isso que Simónides diz, e Pródico bem o sabe, mas está a brincar e a pôr-te à prova para ver se podes sustentar a tua argumentação. **341e** Mais, de que Simónides não diz *dificil* com sentido de mau, há uma boa prova logo a seguir a estas palavras. Ao dizer que *somente um deus poderá obter tal dádiva* é óbvio que não faz a tal afirmação - que é mau ser nobre-, se esclarece, em seguida, que só um deus pode obtê-lo e que só a um deus é concedida essa dádiva. Se assim fosse, Pródico estaria a fazer de Simónides um falsário e nunca um homem de Ceos. **342** Mas quero dizer-te qual me parece ser o pensamento de Simónides neste poema, se quiseres que eu dê uma prova de como estou em matéria de poesia, como tu lhe chamaste. Ou, se preferires, ouvir-te-ei a ti.

Depois de ouvir o que eu tinha dito, Protágoras respondeu:

- Como quiseres Sócrates!

Pródico e Hípias também fizeram ambos muita questão, tal como os outros.

- Bom – comecei eu -, tentarei, então, explicar-vos o que eu penso realmente deste poema. A mais antiga e maior ânsia de saber entre os Helenos encontram-se em Creta e na Lacedemónia, onde há o maior numero de sábios da Terra. **342b** Só

que eles negam-no e simulam ser ignorantes para que não se torne visível que superam em sabedoria os outros Helenos - tal como aqueles a quem Protágoras chamou Sofistas; antes, parecem mostrar-se superiores na guerra e na coragem, por acreditarem que se os outros conhecerem a arte em que são superiores, a sabedoria, todos a exercitarão. Assim, ao esconderem-no, têm enganado aqueles que admiravam os Laconios nas outras cidades, aqueles que, para os imitarem, trazem as orelhas quebradas, enrolam os punhos com correias, **342c** se tornam apreciadores de exercício físico e trazem mantos curtos, como se fossem esses hábitos que fizessem dos Lacedemónios os mais poderosos dos Helenos. Mas os Lacedemónios, quando se querem encontrar com os seus homens de saber, aí já ficam importunados; reúnem-se às escondidas e expulsam os estrangeiros, aqueles que admiram os Lacónios e qualquer outro estranho que possa lá estar; juntam-se então com os sábios a ocultas dos estrangeiros e não permitem que nenhum dos seus jovens visite outras cidades, **342d** e os Cretenses também não, para que não desaprendam o que lhes foi ensinado. E nestas cidades, não há apenas homens orgulhosos da sua educação, mas também mulheres. Para que vocês tenham a certeza de que estou a dizer a verdade e que os Lacedemónios têm a melhor das educações, quer em termos de conhecimento quer em termos de discurso, vejam o seguinte: se, de facto, alguém quiser consultar o mais insignificante dos Lacedemónios, na maior parte da conversa, parecer-lhe-á um medíocre, mas, de seguida, em qualquer ponto casual do discurso, lança, qual archeiro experiente, **342e** uma palavra preciosa, breve e concisa, de modo que o seu interlocutor não parecerá melhor que uma criança. Ora, tanto hoje como ontem, há quem tenha percebido esse pormenor — que admirar os Lacónios é muito mais apreciar a sabedoria que o exercício físico — e quem saiba que só o homem que recebeu uma esmerada educação pode proferir semelhante palavra. **343** Nessa situação encontravam-se Tales de Mileto, Pítaco de Mitilene, Bias de Priene, o nosso Sólon, Cleobulo de Lindos, Míson de Queneia e, em sétimo lugar, Quilon da Lacedemónia. Todos estes foram entusiastas, apaixonados e discípulos da educação dos Lacedemónios e qualquer pessoa poderá constatar que a sua sabedoria era idêntica à deles, uma palavra breve e memorável que cada um deles proferiu. **343b** Estes mesmos, reunidos todos, fizeram oferenda da sua sabedoria a Apolo no seu templo em Delfos, grafando as máximas que toda a gente celebra, *Conhece-te a ti mesmo e Nada em excesso*. Ora bem, porque estou eu a dizer estas coisas? Porque era este o modo de expressão da filosofia dos antigos, uma brevidade lacónica. É esse também o caso desta máxima de Pítaco, que circulava nos meios privados, e colhia o louvor dos sábios: *É difícil ser nobre*. **343c** Ora, Simónides, desejoso de mostrar sabedoria, sabia que se destruísse esta máxima, como se tratasse de um atleta consagrado a quem tivesse vencido, receberia a consagração entre os homens do seu tempo. Contra essa máxima e por essa razão,

desejando minimizá-la, compôs todo o poema - é o que me parece a mim! Examinemo-lo, pois, todos em conjunto para ver se é verdade o que eu digo ou não. Com efeito, o início do poema poderá parecer, à primeira vista, extravagante, se se quiser dizer que é difícil tornar-se um homem de bem e, a seguir, acrescentar um *ora*. **343d** Porque esta palavra não parece ter sido acrescentada com um objectivo preciso; a menos que alguém pretenda dizer que Simónides falava contestando a máxima de Pítaco. Quando Pítaco afirma que é difícil ser nobre, ele discorda e diz: «Ser não, Pítaco, mas, tornar-se um homem de bem, isso sim é de verdade difícil» Não se trata de um homem «verdadeiramente», de bem; não é nesse sentido que fala em «verdade», como se, por acaso, alguns homens fossem «verdadeiramente» bons e outros apenas bons, mas não «de verdade» **343e** - é que tal comentário pareceria coisa de um simplório, não de Simónides -; antes, é preciso tomar esse «de verdadeiro» como um hipérbato no poema, como que para explicar a máxima de Pítaco. É como se imaginássemos o próprio Pítaco a falar e Simónides a responder; um a dizer: «Meus senhores, é difícil ser nobre» e o outro a responder-lhe: «Ó Pítaco, o que dizes não é verdade! **344** *Ora*, não é *ser*, mas *tornar-se* um homem de bem, perfeito de mãos e pés e espírito, obra lapidada sem falha, que é dificil de verdade» Assim, *ora* parece ter sido acrescentado com esse objectivo e de *verdade* colocado correctamente no final do verso. Tudo o que vem a seguir testemunha essa opinião, de que foi escrito assim. Há muitos aspectos a propósito do que diz cada um dos versos do poema que mostrarão como se trata de uma boa composição **344b** - com muita graça e harmonia, até - mas levaria muito tempo a esmiuçá-lo desse modo. Vamos, antes, analisar os seus traços gerais e a sua intenção, que é sobretudo a refutação da máxima de Pítaco, ao longo de todo o poema. Com efeito, um pouco depois do que já foi analisado, diz, como se estivesse a desenvolver um argumento:

«Ora, tornar-se um homem de bem é de verdade difícil, mas possível, pelo menos por algum tempo».

344c Agora uma vez que se consegue permanecer depois nessa condição e ser um homem de bem, como tu dizes, Pítaco, é impossível e sobre-humano, pois somente um deus poderá obter tal dádiva.

Pelo contrário, não é possível que não seja mau o homem que um infortúnio irreversível destrua.

Ora, no comando de um navio, qual o homem que um infortúnio irreversível destrói? É óbvio que não o leigo, porque o leigo nunca teve recursos. Do mesmo modo também ninguém poderá deitar por terra aquele que já está caído, mas

poderá deitar por terra aquele que antes estava de pé e fazê-lo cair - desde que não tivesse caído já. **344d** Assim, também um infortúnio irreversível poderá destruir aquele que antes possuía recursos, mas não aquele que nunca os teve: uma forte tempestade que se abate sobre um timoneiro poderá deixá-lo sem recursos; a chegada de uma estação difícil poderá deixar sem recursos um agricultor, e outro tanto sucederá com um médico. De facto, também ao nobre poderá acontecer tornar-se mau, como testemunha um outro poeta que diz:

"Um homem de bem tanto é mau algumas vezes como nobre noutras **344e,** mas ao mau não acontece tornar-se mau, pois é forçoso que o seja sempre". Do mesmo modo, quando um infortúnio irreversível destrói aquele que tinha recursos, que era sábio e era bom, não lhe é possível não ser mau. Portanto, tu dizes Pítaco, que é difícil ser nobre; ora, tornar-se nobre é difícil embora possível, ao passo que sê-lo é impossível.

É que todo o homem é um homem de bem, se age bem, e, pelo contrário, mau se age mal.

345 Ora, o que é um bom trabalho em matéria de letras e o que é que tornará um homem bom nesse domínio? É óbvio que a sua aprendizagem. Qual é o bom desempenho que toma bom um médico? É óbvio que a aprendizagem do tratamento dos doentes. E mau, pelo contrário se age mal. E agora, quem poderá tornar-se um mau médico? É óbvio que, em primeiro lugar, aquele que começa por ser médico, e que, em seguida, é um bom médico - esse, com efeito, poderá tornar-se mal – mas nós, os leigos em matéria de medicina, não nos poderíamos tornar nunca, por agir mal, nem médicos, nem carpinteiros, nem nada do género. **345b** Aquele que não puder, agindo mal, tornar-se médico, é óbvio que também não poderá tornar-se um mau médico. Do mesmo modo, um homem de bem poderá, um dia, por causa da doença ou por causa de qualquer outro azar - porque este agir mal não é mais que ser desprovido de conhecimento - tornar-se mau, mas o homem mau nunca se tornará mal - é - o sempre! -; mais, para poder vir a tornar-se mau, é preciso que antes se torne bom. Assim, esta parte do poema aponta para essa mesma conclusão: **345c** que não é possível um homem ser bom e permanecer bom, mas que é possível tornar-se bom, como também o mesmo homem tornar-se mau. E melhores por mais tempo só aqueles que os deuses estimarem. Todas estas palavras foram proferidas, pois, contra Pítaco o resto do poema ainda é mais explícito, porque diz:

"Por esse, motivo, nunca eu atirarei fora o lote de vida que me foi destinado procurando, numa vaga. Vã esperança, o que não é possível encontrar, entre

aqueles que colhemos o fruto da terra imensa, um homem efectivamente isento de culpa, mas, quando o encontrar, avisar-vos-ei”.

345d e continua ele - assim, com força e ao longo de todo o poema, ataca a máxima de Pítaco:

“Mas louvo e estimo todo aquele que, voluntariamente, não pratica um único acto censurável. Embora contra a necessidade nem os deuses lutem.”

E estas palavras foram ditas também com o mesmo objectivo, porque Simónides não era tão desprovido de formação que fosse dizer que louvava aquele que não comete nenhum mal voluntariamente, como se houvesse alguém que, por vontade, agisse mal.

345e A mim, com efeito, esta interpretação parece-me clara, que nenhum homem sábio acredita que algum ser humano incorra voluntariamente em falta, nem cometa voluntariamente acções más e vergonhosas; antes, sabe bem que todos aqueles que cometem acções más e vergonhosas as cometem involuntariamente. E Simónides também não iria dizer que era louvável aquele que cometesse *voluntariamente* más acções, esse v*oluntariamente* é dito, antes, a seu respeito. **346** Com efeito, ele acreditava que um homem bem formado, muitas vezes, força-se a si próprio a tornar-se amigo e admirador de alguém. E acontece, com frequência também, um homem ser mal tratado pela mãe ou pelo pai ou pela pátria ou por alguma outra entidade do género. Então, os maus, quando lhes acontece algo assim, encaram-no quase com felicidade e, com censuras, exibem e proclamam a maldade dos progenitores ou da pátria, para que as pessoas não os acusem nem censurem pela sua própria negligência; de modo que censuram-nos ainda mais e somam inimigos voluntários aos que não podem evitar. **346b** Pelo contrário, os bons tentam ser discretos e obrigam-se a louvá-los e se são provocados pelos progenitores ou injustiçados pela pátria, consolam-se a si próprios e reconciliam-se, obrigando-se a estimá-los e louvá-los. Creio eu que, muitas vezes, Simónides acreditava que de próprio louvara e elogiara ou um tirano ou alguma outra dessas pessoas não voluntariamente, mas por ter sido forçado. E é o que diz a Pítaco:

«Eu, Pítaco, não te critico só por gostar de críticas, até porque **346c** a mim é-me suficiente aquele que não for mau nem excessivamente fraco, um homem sensato que conheça a justiça benéfica à cidade.

Esse não o censurarei eu.

E eu não sou daqueles que gostam do criticar

porque a geração dos loucos é infinita.

(de modo que se alguém se compraz em censuras poderá satisfazer-se a censurá-los a eles)

É louvável tudo aquilo com que a vergonha não se misturar».

346d Ele não faz esta observação como se, porventura, dissesse que são brancas todas as coisas as quais não foram misturadas outras pretas - o que seria, a todos os títulos, risível - agora o que ele aceita é estádios intermédios que não são passíveis de crítica. «Também não ando a procura - diz ele -, entre aqueles que colhemos o fruto da terra imensa, de um homem efectivamente isento de culpa, mas, quando o encontrar, avisar-vos-ei. De modo que não louvarei ninguém por essa razão, mas ser-me-á suficiente que esteja num meio-termo e não proceda excessivamente mal; nesse caso, estou pronto a estimar e louvar seja que for.» **346e** E, neste passo, ele utilizou o dialecto dos Mitilenos, porque é contra Pítaco que ele diz esse «louvo e estimo voluntariamente – é preciso dividir a frase aqui, no *voluntariamente* - todo aquele que não pratica nada de censurável; há, contudo, alguns que eu louvo e estimo contra vontade. **347** Ora se tu, Pítaco, tivesses, nem que fosse em parte, falado com razão e verdade, nunca te teria censurado. Agora, se a propósito de coisas tão importantes finges dizer a verdade, quando afinal estás a mentir, essa atitude não posso deixar de a censurar». Eis, Pródico e Protágoras - concluí eu -, o que me parece que Simónides tinha em mente ao compor este poema.

347 Hípias, disse, então:

- Olha que me pareceu que dissertaste muito bem acerca do poema. E dá-se o caso de que eu também tenho uma boa interpretação do mesmo, que passarei a expor-vos, se quiserem.

347b Mas Alcibíades interveio:

- Claro, Hípias, só que uma outra vez. Agora é justo que Protágoras e Sócrates cumpram o que acordaram entre os dois; se Protágoras, então, ainda quiser fazer as perguntas, Sócrates responderá, mas se quiser responder a Sócrates, fará este as perguntas.

- Por mim – respondi eu -, concedo a Protágoras a opção que lhe for mais agradável. E se ele quiser, deixemos esta questão de poemas e poesia. **347c** Até porque me seria muito mais agradável concluir o nosso estudo em conjunto, Protágoras, a propósito daquele assunto sobre o qual te interroguei. É que me parece também que esta questão sobre poesia é semelhante a esses banquetes de gente medíocre e vulgar. Com efeito, esses, porque, por falta de educação, não são capazes de se entreterem, durante a bebida, nem com a sua própria voz nem com os seus próprios discursos, estabelecem um preço às tocadoras de flauta, pagam bem cara a voz alheia das flautas e é com a voz delas que se entretêm uns aos outros. **347d** Pelo contrário, em sítio onde, em conjunto, bebam homens que atingiram a perfeição e receberam educação, não verás nem tocadoras de flauta, nem bailarinas, nem tocadoras de harpa; antes, bastam-se a si próprios para se entreterem sem essas lérias ou criancices porque têm as suas vozes e falam e ouvem ordenadamente e à vez, mesmo que bebam vinho em abundância. **347e** Do mesmo modo, também essas reuniões, se são constituídas por homens como a maior parte de nós diz ser, não precisam nem de vozes alheias, nem de poetas, a quem não é possível perguntar acerca do que falam. As pessoas que os citam nos seus discursos dizem, a maior parte delas, uns que o poeta pensa outra e discutem sobre um assunto que lhes é impossível refutar. **348** Antes, é preferível que deixem de lado este tipo de conversas e se entretenham a si próprios, pelos seus próprios meios e se ponham à prova uns aos outros, ao tomar a palavra ou ao dar a réplica, com os seus discursos. Parece-me que é preciso que tu e eu os imitemos, que ponhamos de lado os poetas e façamos os nossos próprios discursos, pelos nossos próprios meios para pôr à prova a verdade desses discursos e a nossa. Então, se ainda quiseres interrogar-me, eu estou disposto a responder-te. Se preferires o contrário, obriga-me tu a mim a pôr fim a esta conversa, concluindo as questões que deixamos a meio.

348b Depois de eu ter feito estas e outras considerações semelhantes, Protágoras não deixou claro qual das duas opções seguiria. Então, Alcibíades, olhando para Cálias observou:

- Ó Cálias, achas bonito o modo como Protágoras está a agir agora, não querendo tornar claro se responderá ou não? Pois eu não acho! É bom que continue o diálogo ou que diga se não o quer continuar, para que todos nós saibamos qual a sua decisão e Sócrates, ou qualquer outro que, porventura, queira fazê-lo, possa dialogar com outra pessoa.

348c E Protágoras, envergonhado – pelo que a mim me pareceu – por causa destas palavras proferidas por Alcibíades e por causa da insistência de Cálias e de

quase todos os presentes, a custo lá se deixou convencer a reatar o diálogo e mandou-me que o interrogasse que ele responderia.

Disse-lhe eu, então:

- Protágoras, não penses que esta minha discussão contigo pretende outra coisa que não seja examinar as questões que neste momento representam para mim uma dificuldade. É que acredito bem no que dizia Homero: **348d** quando dois homens caminham juntos, um pode ver antes do outro porque, desse modo, todos nós temos mais facilidade em realizar qualquer trabalho, qualquer discurso, qualquer reflexão. "Mas se fizer sozinho uma descoberta", vai logo à procura, até encontrar, de alguém a quem a conte, para ter a sua confirmação. É por essa razão também que me é mais agradável dialogar contigo do que com qualquer outro, porque acredito que és tu quem melhor poderá examinar essas e outras questões que é natural interessarem às pessoas de boa formação, em especial as relativas à virtude. **348e** E, na verdade, quem melhor do que tu? E não é só por pensares que és bem formado; também há outros que são, eles bem razoáveis, mas incapazes de formar outros. Agora tu és um homem de bem e podes tornar os outros homens de bem e estás de tal modo confiante em ti próprio que, enquanto outros dissimulam essa ciência, **349** tu, bem às claras, anunciaste-te a todos os Helenos, intitulando-te a ti próprio sofista, proclamando-te mestre de cultura e de virtude, o primeiro a ter reclamado um salário por essa tarefa. De que modo, então, poderemos dispensar-nos de te solicitar para o estudo destas questões, de te interrogar, de te consultar? Não pode ser de outro modo! **349b** A pergunta salvo erro era esta: sabedoria, sensatez, coragem, justiça e piedade são cinco nomes para uma única qualidade ou cada um desses nomes corresponde a uma entidade com propriedades particulares e uma função individual, não sendo nenhuma delas idêntica à outra? **349c** Dizias tu, então, que não são nomes de uma única coisa, mas que cada um desses nomes designa uma entidade particular e que todas elas são parte da virtude; não do mesmo modo que as partes do ouro são iguais umas às outras e iguais ao todo, mas antes como as partes do rosto não são iguais umas às outras nem ao todo, pois tem cada uma delas uma função particular. Se ainda mantiveres a tua opinião de há pouco, diz-mo; mas se pensas de outro modo não o escondas, para que eu não te esteja a pedir contas, se agora deres outra resposta. **349d** Até porque não me admiraria se tivesses feito antes essas afirmações para me pores à prova.

- Bem, Sócrates, digo-te eu que todas elas são partes da virtude e, mais, que quatro delas são razoavelmente próximas umas das outras, só a coragem é que é completamente diferente das restantes. Compreenderás que é verdade o que eu te digo com este exemplo: encontrarás, por certo, muitos homens, que são, por um

lado, tremendamente injustos, tremendamente ímpios, tremendamente desenfreados, e tremendamente ignorantes, mas, por oposição, superiormente corajosos.

349e - Espera lá - interrompi eu -, vale a pena examinar o que estás a dizer. Antes de mais, dizes que os corajosos são destemidos ou outra coisa?

- Sim, claro, bem destemidos se avançam em situações que outros receiam.

- Vamos ver, dizes que a virtude é uma qualidade louvável e que, como qualidade louvável que é, tu pretendes ensiná-la?

- É, de facto, a mais louvável de todas as qualidades - concordou ele -, a menos que eu esteja louco de todo.

- E, então, uma das suas partes pode ser louvável e outra censurável, ou é louvável na sua totalidade?

- É louvável na totalidade mais do que qualquer outra coisa pode ser.

- Sabes, então, quem são aqueles que, mergulham destemidamente em poço?

350 - Os mergulhadores, julgo eu.

- E porque sabem desta arte ou por qualquer outra razão?

- Porque sabem.

- E quem são os destemidos no combate a cavalo? Os cavaleiros ou os que não sabem andar a cavalo?

- Os cavaleiros.

- E quem o é daqueles que combatem com escudos? Os que sabem manejar o escudo ou os que não o sabem fazer?

- Os que sabem manejar o escudo. E é assim também em todas as outras actividades, se essa é a pergunta que desejas fazer; aqueles que sabem são mais destemidos que os que não sabem e são-no mais depois de aprenderem do que antes de terem aprendido.

350b - E já viste alguns que, sem conhecerem essas actividades, sejam destemidos em cada uma delas?

- Eu já, e bem destemidos até.

- E, então, esses homens destemidos não são também corajosos?

- No caso, seria uma vergonhosa forma de coragem. Esses o que são é loucos!

- Ora - repliquei eu -, e o que dizes tu dos corajosos? Não é que são destemidos?

350c - E continuo a dizer!

- Mas esses, os que são destemidos desta última maneira, não são corajosos e, antes, parecem loucos, não? E, por sua vez, aqueles que são mais sábios são também mais destemidos, e sendo mais destemidos são mais corajosos? E, com este raciocínio, a sabedoria também poderia ser coragem?

- Não lembras com precisão, Sócrates, o que eu disse e o que te respondi. Tu a mim perguntaste-me se os corajosos são destemidos, eu concordei. Mas não me perguntaste se os destemidos também são corajosos - e, se mo tivesses perguntado, ter-te-ia respondido que nem todos - nem, quanto aos corajosos, se podem não ser destemidos, e agora tentas demonstrar que, quando concordei contigo, não o fiz correctamente. **350d** Em seguida, mostraste que aqueles que são conhecedores são mais destemidos do que esses mesmos, ou do que outros, quando não têm conhecimento, e, com estas demonstrações, parece-te que a coragem e a sabedoria são a mesma coisa. E, se fosses pelo mesmo caminho, pensarias que a sabedoria é igual à força. E então se, em primeiro lugar, me fores perguntando só os fortes têm capacidades, responder-te-ei que sim; **350e** e, em seguida, se os que sabem lutar são mais capazes que os que não sabem lutar, e, depois de aprenderem, mais do que antes de terem aprendido, responder-te-ei que sim. E depois de eu ter concordado contigo nestas questões, fazendo uso dos meus argumentos, tu poderias avançar dizendo que eu concordara que a sabedoria é o mesmo que a força. Mas eu não concordei, nem aqui nem em sítio algum, que os que têm capacidades são fortes, e sim que os fortes têm capacidades. **351** É claro que a capacidade e força não são a mesma coisa; antes, enquanto a capacidade vem do conhecimento, e também da inspiração e da impetuosidade, a força, por sua vez, vem da natureza e da robustez dos corpos. Do mesmo modo, também o destemor e

a coragem não são a mesma coisa; assim, os corajosos podem ser destemidos, mas não é por esse motivo que todos os destemidos vão ser corajosos. **351b** Destemor advém aos homens da habilidade, mas também do desejo e até da loucura, tal como a capacidade; agora a coragem advém da natureza e da robustez das almas.

- E dizes tu, Protágoras, que alguns homens vivem bem e que outros vivem mal?

- Digo.

- Bom, e parece-te, por acaso, que um homem pode viver bem se viver na miséria e no sofrimento?

- Não.

- E se viver a vida de modo agradável até ela terminar? Parece-te que assim poderá ter vivido bem?

- A mim parece-me.

351c - Então viver a vida de modo agradável é bom e viver a vida de modo desagradável é mau, não?

- Se, na verdade, se viver a vida tirando prazer das coisas que realmente valem à pena.

- Como assim, Protágoras? Não chamas tu também, como a maioria, agradáveis a algumas coisas boas e penosas a coisas más? Pois eu pergunto-te se, na medida em que são agradáveis, não são então, por esse motivo, coisas boas, ainda que não e tenham em conta as suas outras características? E, por sua vez, não é assim também com as coisas penosas: na medida em que são penosas não são também coisas más?

- Não sei Sócrates, se a minha resposta ao que tu perguntas pode ser assim tão simples, que as coisas agradáveis são todas coisas boas e as penosas más. **351d** Antes, me parece mais seguro responder - tendo em conta não apenas a minha resposta de agora, mas todas as outras experiências ao longo da minha vida - que há, de facto, coisas agradáveis que não são boas e que há também, por sua vez, coisas penosas que não são más, embora haja aquelas que o são; e, ainda, que há as

de uma terceira categoria, que não são nem uma coisa nem outra, nem boas nem más.

- Mas não chamas agradáveis - insisti eu -, àquelas que têm participação no prazer ou que produzem prazer?

351e - Certamente.

- Pois é isso mesmo que eu estou a dizer, e se não são coisas boas na medida em que são agradáveis, pergunto-me se o próprio prazer pode ser algo bom.

- Como tu dizes, a cada passo, Sócrates, examinemos a questão! E, se a tese parecer razoável e mostrar que prazer é o mesmo que bom, estaremos de acordo; mas, se não, discuti-lo-emos de seguida.

- E queres tu conduzir a investigação ou faço-a eu?

- É justo - respondeu ele - que sejas tu a conduzi-la, pois foste tu que iniciaste a discussão.

352 - Haverá maneira de clarificarmos esta questão? É como se alguém, ao examinar um homem para saber da sua saúde ou de qualquer outra das funções do seu corpo, lhe olhasse para as mãos e dissesse: « Anda cá, descobre-te e mostra-me o peito e as costas para que eu te possa observar com mais clareza.» eu anseio por um tipo de investigação semelhante. Depois de ter constatado, pelas tuas palavras o que entendes por bom e por prazer, quero fazer-te um pedido semelhante: **352b** «Anda cá, Protágoras, e descobre-me o teu espírito: o que entendes por conhecimento?» Antes de mais, é o teu parecer idêntico ao da maior parte dos homens ou pensas de outro modo? É que a maioria das pessoas pensa sobre o conhecimento que não é o género e coisa que tenha força, ou seja, capaz de liderar ou governar. Não pensam que se trate de uma qualidade deste género, antes que ao homem que possui conhecimento, muitas vezes, não é o conhecimento que o governa, mas qualquer outra razão: por um lado, o ímpeto; por outro, o prazer; ou, ainda, o sofrimento; algumas vezes, o amor; e, muitas vezes o medo. **352c** Pensam no conhecimento, simplesmente, como num escravo arrastado por todos os outros conhecimentos. Pensas tu, por acaso, algo semelhante a este propósito? Ou achas que o conhecimento é uma qualidade louvável, capaz de governar um homem e que se alguém conhecer o que é bom e o que é mau nunca será subjugado por coisa alguma e agirá segundo as regras que o conhecimento ditar? Achas que a inteligência é suficiente para proteger o homem?

352d - Concordo com o que tu dizes, Sócrates, e, mais, seria para mim uma vergonha se não dissesse que a sabedoria e o conhecimento são mais importantes do que qualquer outra de todas as capacidades humanas.

- O que tu dizes está certo e é verdade. Mas sabes que a maioria dos homens não se deixa convencer nem por mim nem por ti; dizem antes que muitos, sabendo o que é melhor, não querem agir desse modo, quando podiam fazê-lo, mas agem de outra maneira, e aqueles a quem eu tenho perguntado qual a razão desse comportamento respondem que são obrigados a fazer o que fazem dominados pelo prazer, pela dor ou por qualquer desses outros sentimentos de que eu falava ainda agora.

352e - Creio Sócrates, que as pessoas também fazem muitas outras afirmações que não estão correctas.

- Anda comigo, então, tentar convencer esses homens e ensinar-lhes o que é essa sensação a que eles chamam ser dominado pelo prazer e a razão pela qual não fazem o que é melhor, embora o conheçam bem. **353** É que talvez se lhes dissermos: «Meus amigos, o que vocês dizem não está certo; estão até enganados», eles nos perguntem: «Protágoras e Sócrates, se essa tal sensação não é ser dominado pelo prazer, é então o quê? O que dizem você, então, que é? Respondam-nos os dois».

- Mas, Sócrates, é preciso estarmos nós a examinar a opinião da maior parte dos homens, quando eles dizem o que, porventura, lhes ocorre?

353b - Parece-me - respondi eu - que esta investigação nos é útil para a descoberta do que seja a coragem, do modo como se relaciona ela com as outras partes da virtude. Se quiseres, então, manter o que acordámos há pouco, que eu conduziria a investigação nos aspectos que me parecessem mais relevantes para clarificar a questão, acompanha-me. Mas, se não quiseres, se preferires, estou disposto a deixar ficar.

- Não, o que dizes está certo. Continua lá do modo como começaste.

353c - Bom, vejamos mais uma vez... Se alguém nos perguntar. «Ora, e que dizem vocês que é essa sensação a que nós chamamos ser dominados pelos prazeres?» Eu, pela minha parte, responder-lhes-ia o seguinte: «Escutem, então, porque Protágoras e eu vamos tentar explicar-vos. Dizem vocês, meus amigos, que acontece, nalgumas circunstâncias - pode até ser que muitas vezes -, ser-se

dominado pelos prazeres, da comida, da bebida, do sexo, e que se age de acordo com eles, mesmo sabendo que são coisas prejudiciais?» Diriam que sim. Então, de novo, seríamos tu e eu a perguntar-lhes: «Em que medida dizem que essas coisas são prejudiciais?» **353d** Porque proporcionam esse prazer, nesse mesmo momento, e cada uma delas é agradável ou porque, tempo depois, provocam doenças e pobreza e causam muitas outras desgraças semelhantes? Ou, mesmo que, porventura, tempos depois não causassem nenhuma destas conseqüências negativas, antes contribuíssem apenas para trazer prazer?» Será possível acharmos, Protágoras, que nos darão alguma outra resposta salvo que não são más pela produção desse prazer momentâneo, mas pelo que advém posteriormente, doenças e outras desgraças?

353e - Eu, por mim, penso - assentiu Protágoras - que a maior parte responderá dessa maneira.

- «Ora e, então, trazendo doenças não trazem desgraça e, trazendo pobreza, não trazem desgraça?» Penso eu que também concordariam.

Protágoras tornou a dizer que sim.

- «E não vos parece também, meus amigos, que, tal como afirmamos Protágoras e eu, estas coisas não são más por nenhum outro motivo que não seja por culminarem em desgraça e privarem o homem dos outros prazeres?» Iriam concordar?

354 A ambos nos pareceu que sim.

- Bem, e se lhes fizéssemos uma nova pergunta, ao contrário: «Meus amigos, aqueles de vocês que dizem que há coisas boas penosas, não o dirão, por acaso, daquelas que podem, por exemplo, resultar do exercício físico, das campanhas militares, do tratamento feito pelos médicos, através de cautérios, amputações, medicamentos e privação de alimentos - porque essas, embora penosas, são boas?»

Diriam que sim?

- Também me parece.

354b - «Então, antes de mais, chamam boas a essas coisas porque, tempos depois, delas advêm robustez e boa condição física para os corpos, salvação para as

cidades, poder sobre os outros e riquezas?» Por mim, penso que seria por esta última razão.

- Também me parece.

«Então, essas coisas são boas por qualquer outro motivo ou porque culminam em prazer, libertando e prevenindo de dores? Ou, observando estas coisas a que chamam boas, dirão vocês que têm qualquer outro fim que não prazeres e dores?» **354c** Quero admitir que diriam que sim.

- A mim também me parece - continuou Protágoras.

- «Então procuram o prazer porque é bom e fogem da dor porque é má, não?»

- Acho que sim.

- «E, por certo, pensam que a dor é algo mau e que o prazer é bom; embora afirmem que mesmo o que agrada também é mau, quando priva de prazeres maiores que os que ele próprio proporciona, ou quando culmina em dores maiores que esse mesmo prazer. **354d** Contudo, se chamam mau a ter prazer por qualquer outra razão ou pela observação de qualquer outro resultado, então, avisem-nos. Decerto, não vos será possível!»

- Também me parece que não - concordou Protágoras.

«Agora, mais uma vez, pode o mesmo raciocínio aplicar-se ao sofrimento das dores? Chamam bom a ter uma dor quando ela liberta de dores maiores que essa ou quando culmina em prazeres maiores que as dores? Claro que se vocês tiverem observado algum outro resultado, para poderem chamar bom a ter dores, que não apenas o que eu digo, avisem-nos, por favor. Decerto não vos será possível!»

354e - É verdade o que dizes - concordou Protágoras.

«Uma vez mais, ainda meus amigos - insisti eu -, se me perguntassem: "Mas por que razão te demoras a levantar tantas e tão variadas questões sobre este assunto?". Desculpem-me - diria eu -, em primeiro lugar, não é fácil demonstrar o que é essa sensação a que se chama ser dominado pelo prazer; depois, só a partir dessa demonstração posso esclarecer todas as outras dificuldades. **355** Mas agora ainda é possível recuar, se quiserem dizer que o que é bom é qualquer outra coisa que não

prazer e o mal qualquer outra coisa que não a desgraça. Ou chega-vos que o prazer seja viver a vida sem dores? Se chega e não são capazes de distinguir uma coisa boa de uma coisa má, a não ser que resulte nesse estado, escutem o seguinte: digo-vos, com efeito, que essa opinião invalida a nossa discussão, uma vez que dizem que, muitas vezes, o homem sabe que as más acções são más acções e pratica-as na mesma, sem ser obrigado a fazê-lo, empurrado e oprimido pelos prazeres. **355b** E, logo a seguir, dizem que o homem que conhece quais as boas acções não está disposto a praticá-las, por causa de prazeres momentâneos, por ser dominado por eles. Que se trata de um raciocínio ridículo ficará bem claro, se não utilizarmos tantos nomes ao mesmo tempo, prazer e dor, bom e mau; mas, já que parecem ser apenas duas as situações, demos-lhes apenas dois nomes, em primeiro lugar bom e mau, depois prazer e dor. **355c** Fiquemos assim e digamos que o homem que sabe que as más acções são más, as pratica na mesma». E se alguém, então, nos perguntar: «Por que razão?», responderemos: «Porque está dominado.» «Por quem?», perguntar-nos-á ele. Nós, aí, já não vamos poder dizer que pelo prazer - é que o outro nome que substitui esse prazer é o bom. Assim, se respondermos dizendo «Dominado», ele perguntará: «Por quem?», e nós, por Zeus, responder-lhe-emos que pelo que é bom. Ora, se se der o caso de o nosso interlocutor ser um insolente, vai ficar a rir-se e a dizer: «Mas que resposta disparatada! **355d** Que alguém pratica más acções, sabendo que são más e que não as deve praticar, por estar dominado por coisas boas. Pensam vocês, por acaso - continuará ele -, que as coisas boas não são merecedoras de vencer as más... Ou que o são?» É óbvio que ao responder diremos que não são; caso contrário, este homem que dizemos ser dominado pelos prazeres não cometeria qualquer falta. «Mas por que razão - perguntará ele talvez - têm as coisas boas menos valor que as más ou as más que as boas? Por alguma outra razão que não seja serem umas maiores e outras menores? **355e** Por haver maior quantidade de umas e menor quantidade de outras?» Não teremos possibilidade de dar outra resposta. «É óbvio, então - dirá -, que essa sensação a que chamam ser dominado é trocar grandes males por pequenos bens». E assim é! Reponhamos, então, os nomes de prazer e dor para estas mesmas coisas e digamos que um homem pratica acções, a que antes chamámos más e agora chamaremos penosas, sabendo que são penosas, dominado pelos prazeres que, é óbvio, não merecem vencer. **356** E em que outra medida falta valor ao prazer face à dor, senão por excesso ou falta de um em relação ao outro? E este desequilíbrio advém de terem maior ou menor tamanho, maior ou menor quantidade, mais ou menos força. Com efeito, se alguém disser. «Mas, Sócrates, há uma grande diferença entre prazer momentâneo e o prazer e a dor que vêm com o tempo», eu, pela minha parte, responder-lhe-ei que não, decerto, por outra razão senão por serem prazer ou dor. Não há mesmo outro motivo!

356b Mais. É como se um homem bom em pesagens, somando prazeres com prazeres e somando dores com dores, depois de ajustar na balança a proximidade e a distância, disser quais são as maiores; porque se pesares prazeres com prazeres terás que aceitá-los sempre com dores em menor número e em menor tamanho. Agora, se forem prazeres com dores, se os prazeres as excederem, seja a proximidade menor que a distância ou a distância menor que a proximidade, terás que agir segundo o que estes ditarem. Se forem as dores a exceder os prazeres, não terás que o fazer.

356c «Não é assim, meus amigos?», perguntei eu. Sei bem que não poderiam responder oura coisa.

Ele era da mesma opinião.

- «Bom, já que é assim, pedirei que me respondam ao seguinte: parece-vos que, aos nossos olhos, o tamanho das mesmas coisas é maior se estão perto e menor se estão longe, ou não?» Vão responder que sim. «E não é o mesmo com as espessuras e as quantidades? E os mesmos sons não são mais fortes se estão perto e mais fracos se estão longe?» Diriam que sim. **356d** «Ora se o nosso bem-estar reside nesse pormenor, no de lidar e escolher segundo as grandes quantidades e evitar agir segundo as pequenas, em que julgaremos nós que se encontra a salvação da nossa via? Na arte do comedimento ou no poder das aparências? Enquanto este nos ilude e leva, muitas vezes, a altos e baixos na adopção das mesmas coisas e a recuar diante dessas acções ou das escolhas das coisas grandes e das pequenas; o comedimento, pelo contrário, poderá afastar essa ilusão e, mostrando a verdade, dar à alma a posse de uma serenidade que lhe permita conservar essa verdade e salvar a nossa vida». **356e** Depois desta exposição será que os nossos interlocutores concordariam que é na arte do comedimento que poderá estar a nossa salvação, ou na outra?

- Na do comedimento.

- Ora, e se a salvação da nossa vida estivesse em escolher entre par ou ímpar, ou na necessidade de fazer uma escolha correcta, numa determinada altura, de uma grande quantidade e, noutra, de uma pequena, ou entre uma coisa e essa mesma coisa, ou entre uma coisa e outra diferente, ou entre algo que está perto e algo que está longe? O que poderia salvar a nossa vida? O conhecimento, não? **357** E, decerto, também algum comedimento já que é a arte que está ligada ao excesso e à falta, não? E tratando-se de pares e ímpares, seria precisa outra qualquer arte para além da aritmética? Os nossos interlocutores concordariam ou não?

A Protágoras parecia-lhe que sim.

- «Óptimo, meus amigos. Já que chegámos à conclusão de que a salvação da nossa vida está na escolha correcta entre prazer e dor, em maior e menor número, em maior e menor tamanho, maior ou menor distância, não parecerá, em primeiro lugar, que está no comedimento, uma vez que é a observação do que é excesso, falta ou igualdade face às outras coisas?»

357b - Ora, é forçoso que sejam assim.

- «E já que se trata de comedimento, suponho que forçosamente será também uma arte de conhecimento».

Hão de dizer que sim.

- «Já veremos, daqui a pouco, que tipo de arte e de conhecimento são estes. Que se trata de conhecimento, eis o que é suficiente para a demonstração de que Protágoras e eu necessitamos para respondermos ao que nos foi perguntado. **357c** Essa pergunta foi feita, se estão lembrados, quando nós acordámos, um com o outro, que nada é superior ao conhecimento e que ele supera sempre as restantes qualidades, onde quer que esteja, quer se trate de prazer quer se trate de todas as demais. Ora, diziam vocês que o prazer, muitas vezes, supera até o homem que possui conhecimento, e, quando nós discordámos, nessa altura, perguntaram-nos: "Protágoras e Sócrates, se essa situação, o ser dominado pelo prazer, não existe, então é o quê, que lhe chamam vocês? Digam lá." **357d** Se vos tivéssemos respondido, logo de imediato: "Ignorância", ter-se-iam rido de nós. Mas agora se se rirem de nós, estarão a rir-se também de vocês próprios, uma vez que concordaram que, quando se erra na escolha em matéria de prazeres e dores - ou, o mesmo será dizer, de coisas boas e más - se erra por falta de conhecimento; e não só de conhecimento mas também - ainda há pouco concordaram - de comedimento. e sabem, certamente, também que errar por falta de conhecimento é agir com ignorância. **357e** De modo que o ser dominado pelo prazer é isto, a maior das ignorâncias, para qual aqui o nosso Protágoras diz ser médico, e também Pródico e Hípias. Mas vocês, que pensam que é outra coisa qualquer que não ignorância, em vão nem enviam os vossos filhos para junto dos que são mestres nestas matérias, os Sofistas aqui presentes. Como não o vêem como algo ensinável, guardam o vosso dinheiro, em vez de lho dar a eles, e agem de modo errado tanto nos assuntos particulares como nos comunitários». Esta é, pois, a resposta que teríamos dado à maioria. **358** Agora, pergunto-vos – e da parte de Protágoras também,- ó Hípias e

Pródico (podem bem responder os dois em conjunto), parece-vos que estive a dizer a verdade ou a mentir?

A todos, unanimemente, parecia que o que eu dissera era verdade.

- Concordam, então - continuei eu -, que o prazer é uma coisa boa e a pena uma coisa má. Mas vou pôr de parte a distinção dos nomes do nosso Pródico! Seja lá o que for que tu lhe chames, prazer, deleite, gosto, ou qualquer outro nome que te agrade, meu caro Pródico, quero que me respondas ao que pergunto.

358b Pródico, então, riu e concordou comigo, tal como os outros.

- Como é, então, meus senhores? - perguntei eu. - Todas as acções que conduzem a este fim, que conduzem a uma vida de prazer e isenta de dor, não são louváveis? E uma actividade louvável não é boa e útil?

Ele concordou.

- Se, então, o prazer é bom, nenhum homem, nem aquele que sabe que sabe, nem aquele que pensa que há coisas melhores do que as que faz, e pode fazer, fará essas, podendo fazer as melhores; nem ser-se dominado por algo é mais que ignorância, nem ser senhor de si próprio mais que sabedoria.

358c Todos concordaran.

- E então? É a esse estado que chamam ignorância? A ter uma falsa opinião e estar enganado a propósito de muitos assuntos importantes?

Também neste ponto concordaram todos.

- Ora, decerto, ninguém escolhe voluntariamente o caminho para as coisas más, nem para as que pensa serem más. Uma atitude dessas, querer ir atrás das coisas que se pensa serem más, preferindo as que são boas, não é, pelo que me parece, própria da natureza humana. **358d** E quando é forçoso que se escolha uma de duas coisas más, escolhe alguém a maior, podendo escolher menor?

Todos nós estávamos de acordo com tudo o que fora dito.

- E agora, a que chamam vocês temor e medo? Ao mesmo que eu, não? (Pergunto-te a ti, Pródico.) Eu dou esse nome a uma certa expectativa face a algo mau, quer lhe chamem temor, quer lhe chamem medo.

Protágoras e Hípias achavam que era tanto temor como medo; para Pródico, temor sim, mas não medo.

358e - Mas esse pormenor não faz diferença, Pródico. A questão é esta: se o que foi dito antes é verdade, algum homem, por acaso, quererá seguir esse caminho, o das coisas que causam temor, podendo seguir esse caminho, o das coisas que causam temor, podendo seguir o das que não o fazem? Ou é impossível, depois do que concluímos? É que, quanto às coisas que causam temor, ficou acordado que são tidas como más. E ninguém segue nem escolhe, voluntariamente, para si as coisas que acreditam serem más.

Assim pareceu também a todos.

359 - Bom, agora que formulámos estas hipóteses, Pródico e Hípias, o nosso Protágoras que defenda, diante de nós, até que ponto está correcto o que respondeu em primeiro lugar - não o que disse logo, logo no início, porque nessa altura, disse que tendo a virtude cinco partes, nenhuma delas é igual à outra, antes cada uma delas tem uma função particular - mas não falo dessa resposta e sim do que disse depois. É que depois disse que quatro eram razoavelmente próximas umas das outras em matéria de semelhanças, mas uma, a coragem, diferia substancialmente das outras e explicou-me com o seguinte exemplo:

359b «Descobrirás, com efeito, Sócrates, homens que são tremendamente ímpios, tremendamente injustos, tremendamente desenfreados, tremendamente ignorantes, mas superiormente corajosos. Com este exemplo, compreenderás que a coragem difere das outras partes da virtude.» De imediato, fiquei surpreendidíssimo com a resposta e ainda o estou mais, depois de ter percorrido convosco a questão. Na altura, perguntei-lhe, ainda, se chamaria corajosos aos - destemidos. Ele respondeu: «Sim, e sempre determinados.»

359c Lembras-te, Protágoras, de me teres dado essa resposta?

- Lembro.

- Vá lá, conta-nos, para que dizes tu que são os corajosos determinados? Será para as mesmas situações que os cobardes?

- Não.

- Então, para outras situações?

- Sim.

- Mas enquanto os cobardes vão atrás de situações que não atemorizam, os corajosos procuram situações que causam temor.

- Assim dizem as pessoas, Sócrates.

359d - É verdade - confirmei - mas não é isso que eu te estou a perguntar, e sim para que situações dizes tu que os corajosos estão prontos? Será para situações que causam temor, porque acreditam que elas causam temor, ou para as que não causam?

- Mas foi mesmo essa hipótese que, com os teus argumentos de há pouco, demonstraste que era impossível!

- Pois é verdade o que dizes. De modo que se passa se essa demonstração estava certa, ninguém vai atrás de situações que acredita causarem temor, porque o ser dominado por si próprio revelou-se ser ignorância.

Ele concordou.

- Mas, na medida em que todos, quer cobardes quer corajosos, vão atrás de situações em que se sentem confiantes então, quer os cobardes quer os corajosos, certamente vão atrás das mesmas coisas.

359e - Por favor, Sócrates! As coisas de que os cobardes vão atrás são precisamente o contrário daquelas que seguem os corajosos. Enquanto uns, por exemplo, querem ir à guerra, os outros, pelo contrário, não querem.

- E esse ir é louvável ou censurável?

- Louvável.

- Então, se é realmente louvável, concordámos, lá atrás na nossa conversa, que também é bom, porque concordámos que todas as acções louváveis são boas.

- É verdade o que dizes, e a mim continua a parecer-me que é assim.

- E muito bem! - confirmei eu. - Mas, qual dos dois dizes tu que não quer ir à guerra, sendo esta louvável e boa?

360 - Os cobardes - respondeu ele.

- Ora bem, mesmo sendo louvável, bom e agradável?

- Pelo menos foi o que concordámos.

- Acaso, então, os cobardes, mesmo se têm conhecimento de que é assim, não querem ir para o que é mais louvável melhor e mais agradável?

- Bom, se formos dizer que sim, caem por terra as nossas conclusões anteriores.

- Ora, e o homem corajoso? Não vai ele atrás do que é mais louvável melhor e mais agradável?

- Sou obrigado a concordar.

360b - Então, no geral, os corajosos, quando têm medo, é de coisas que causam medo mas não são censuráveis e destemem coisas que, não provocando temor, também não são censuráveis. É assim?

- Tens razão.

- E se não são coisas censuráveis, então são coisas louváveis, pois são?
Ele concordou.

- E, se são louváveis, também são boas, não?

- Sim.

- Ora, os cobardes, os destemidos e os loucos, pelo contrário, temem coisas que causam medo, mas que são censuráveis e destemem também coisas que, não provocando temor, são censuráveis?

Ele concordou.

- E essa confiança em coisas censuráveis e más resulta de qualquer outra razão que não de desconhecimento e ignorância?

- Não, tens razão!

360c - E então? Ao motivo pelo qual os cobardes são cobardes chamas cobardia ou coragem?

- Chamo-lhe cobardia!

- E não parece que os cobardes são cobardes por ignorância do que são as coisas temíveis?

- Exactamente - respondeu.

- E é por causa dessa mesma ignorância que são cobardes, não?

Ele concordou.

- E tu também estás de acordo que é por essa mesma razão que são cobardes, por causa da cobardia?

Ele disse que sim.

- E, então, será a cobardia a ignorância das coisas temíveis e das coisas não temíveis?

Ele acenou afirmativamente.

- Ora bem - continuei eu - coragem é o contrário de cobardia?

360d - É.

- E a sabedoria das coisas temíveis e das coisas não temíveis é o contrário da ignorância dessas mesmas coisas?

Também a esta pergunta repetiu o sinal de assentimento.

- E a ignorância dessas coisas não é cobardia?

A custo, lá acenou que sim mais uma vez.

- E a sabedoria das coisas que causam temor e das que não o causam é coragem, uma vez que é o contrário da ignorância dessas mesmas coisas, não?

A esta pergunta, embora quisesse acenar que não, ficou calado.

E eu perguntei:

- Então, Protágoras, não respondes às minhas palavras nem que sim nem que não?

- Tira tu as conclusões.

360e - Só te quero fazer mais uma pergunta, ainda: se te continua a parecer, como de início, que alguns homens sendo tremendamente ignorantes são superiormente corajosos?

- Parece-me, Sócrates, que te delicia a ideia de ser eu a responder. Vou fazer-te a vontade, então, e digo-te que, pelo que acordámos, acho que é impossível.

- Bom o que é certo é que não te estou a fazer estas perguntas todas com outra intenção que não seja querer examinar qual a ideia que se tem da virtude e o que é ela própria, essa virtude. **361** Porque sei que se esta análise se tornasse mais clara, poderia tornar bem mais nítida também a questão à volta da qual estivemos, tu e eu, cada um por sua vez, a tecer longos discursos - eu dizendo que a virtude não se pode ensinar e tu que pode. E parece-te que a conclusão a que chegámos com toda esta nossa conversa de há pouco está a acusar-nos e a troçar de nós como se fosse um homem de carne e osso. E, se falasse, diria: «Mas que bizarro que me saíram vocês os dois, Sócrates e Protágoras! **361b** Tu, antes, dizias que a virtude não podia ser ensinada, agora insistes no contrário, querendo sem demonstrar que todas essas qualidades, a justiça, a sensatez, a coragem, são conhecimento; deste modo, bem pareceria que a virtude fosse qualquer outra coisa que não conhecimento, como Protágoras tentou defender, é claro que não poderia ser ensinada. Agora, se, pelo contrário, parece ser na sua totalidade, conhecimento - tal como tu insistes, Sócrates - será surpreendente que não se possa ensinar. Por sua vez, Protágoras, depois de ter partido do princípio de que a virtude podia ser ensinada, agora parece insistir no contrário, em mostrar que bem poderia ser um pouco de tudo, menos conhecimento, e assim de modo algum poderia ser

ensinada». **361c** No que me diz respeito, Protágoras, vendo toda a confusão de opiniões, ora numa direcção, ora noutra, tenho um enorme desejo de as clarificar e gostaria que continuássemos a nossa análise sobre o que é a virtude e investigássemos, de novo, se ela pode ser ensinada ou se não pode ser ensinada. **361d** Não vá às vezes, esse teu Epimeteu ter-nos encaminhado para conclusões erradas, do mesmo modo que nos lesou na atribuição das capacidades, como tu contaste. É que, no mito, agradou-me mais Prometeu do que Epimeteu; seguindo o seu exemplo, tenho sido previdente toda a minha vida, dedicando-me a todos estes assuntos, e, se tu quiseres, tal como todo o prazer.

Protágoras respondeu, então:

- Eu louvo esse teu interesse e o modo como conduzes a argumentação. **361e** Não penso ser um homem mau em nenhum outro aspecto, mas, sobretudo, não invejo ninguém. Até já disse de ti a muita gente que, daqueles que conheço, és o que mais admiro, especialmente entre os da tua idade. E digo mesmo que não me espantaria se te tornasses famoso entre os homens pela tua sabedoria. Quanto a esses assuntos, discuti-lo-emos uma outra vez, se quiseres. Agora está na minha hora de retomar um outro tema.

362 - Bom, assim faremos, se te parecer. De facto, eu também já tinha dito que me ia embora, há algum tempo atrás; só fiquei em atenção à amabilidade de Cálias.

E, depois de assim termos falado e escutado, viemos embora.